


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Maria Helena Moutinho Saldanha



**AUTOPOIESE e DODISCÊNCIA:
Relações necessárias para a cidadania na escola?**

Porto Alegre
1º semestre
2017

Maria Helena Moutinho Saldanha

AUTOPOIESE e DODISCÊNCIA:

Relações necessárias para a cidadania na escola?

Trabalho de Graduação apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título

Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Profª Drª Carmen Lucia Bezerra Machado

Porto Alegre
1º semestre
2017

CIP - Catalogação na Publicação

Saldanha, Maria Helena Moutinho
Autopoiese e Dodiscência: Relações necessárias
para a cidadania na escola? / Maria Helena Moutinho
Saldanha. -- 2017.
91 f.

Orientadora: Carmen Lucia Bezerra Machado.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,
BR-RS, 2017.

1. Autopoiese. 2. Dodiscência. 3. Regra de
convivência. 4. Projeto Político Pedagógico - PPP. 5.
Educação de Jovens e Adultos - EJA. I. Bezerra
Machado, Carmen Lucia, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

À memória de minha mãe Leny Moutinho Saldanha pelas lembranças que este trabalho me trouxe de sua luta para vencer a sensibilidade e adquirir força e autonomia para conduzir a família e de meu pai, Vitor Mallmann Saldanha, que em seu curto período de existência nos legou valores na experiência do cotidiano e na educação através da leitura.

AGRADECIMENTOS

À Professora Carmen Lucia Bezerra Machado que, ao fazer da práxis um de seus princípios pedagógicos, me inspira sobre essa a reflexão no corpo deste trabalho. Sendo o agora o fio condutor de suas questões em sala de aula, situa o existir na existência e nos convida a compartilhar a riqueza da experiência humana. Propicia o despertamento da consciência daquilo que nos emociona, valoriza e nos motiva a novas descobertas no mundo das relações.

Ao professor Paulo Albuquerque pela capacidade de síntese de nossas mensagens individuais, recriando conceitos pela conexão, ou pelo que Maturana e Varela chamam de acoplamento, unindo nossos relatos para compreendermos a rede de relações que faz de nós seres políticos. A visualização de suas "figurinhas no quadro" revelam o sentido do discente de renovação.

À professora Denise Maria Comerlato que ao orientar o Estágio de docência em EJA acalmou minhas angústias iniciais, postulou questões para refletir do cotidiano escolar, instigou análise de observações sobre a riqueza nas interações na convivência com as diferentes idades e a diversidade. Compartilhei sua sensibilidade e paixão pela alfabetização nesta modalidade da educação.

À professora Maria Clara Bueno Fischer pela tranquilidade, discernimento e preciosa orientação na organização do projeto de pesquisa do que resulta este trabalho.

À meus filhos, noras e netos por todo apoio afetivo e logístico que possibilitou a realização deste momento. Vocês me trazem equilíbrio e confiança na caminhada.

À Sérgio Bandeira que, mesmo sem saber, foi o mensageiro, fez o papel de Hermes, o deus das habilidades da linguagem, e trouxe a resposta que ora se confirma.

À todos que, de uma forma ou de outra, compartilham comigo esta maravilhosa jornada que é a existência para que se descubra o valor da vida!

DE DURKHEIM A MATURANA:

Incompatibilidade dos princípios de FREIRE com Regras de Convivência

A transcendência do ser pelo diálogo

Interações /Indivíduo/Autopoiese

Relações /sociedade

O nascimento (tempo)

O ambiente (espaço)

Sujeito /ser

Identidade /pessoa

Texto

Contexto

Aqui/agora/presente

Futuro: perspectivas

Liberdade / justiça

Valores: justo, injusto; bem, mal

Autonomia/liberdade (filogenia)

Comportamento/adaptação

Conhecimento de si

e do outro: alteridade

Ação: Modos de ver, sentir e pensar

Reação: movimento, emoção

Pensamento (mente)

Linguagem: palavra, consciência

O mundo/tempo histórico/a vida

A existência/o espaço/a morte

O cotidiano: o conhecer em si

A sociedade: o conhecimento

a partir das perturbações do meio.

Acumulado, despertar a consc.

Raízes biológicas de nossa autonomia e cognição: Maturana e Varela.

Liberdade para se tornar ético: Freire.

Conviver como ser político para a melhoria coletiva da existência: Durkheim.

Desenho: LARRÉ, João Hernesto Saldanha:

RESUMO

A presente pesquisa é um Estudo de Caso realizado a partir de uma experiência de estágio, em docência compartilhada, numa escola pública municipal de ensino fundamental, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Teve por objetivo compreender a ausência de Grêmios estudantis durante 27 anos de sua existência, e os motivos que deram causa à sua organização, após este período. Busquei identificar no contexto escolar o protagonismo estudantil, os espaços de liberdade e de autonomia de aprendizagem cidadã; relacionei a proposta político/pedagógica com o contexto de regras de convivência, e refleti sobre as implicações do conceito de autopoiese para a educação na situação de democracia participativa, coexistindo com sanções disciplinares; e da didiscência para as relações comportamentais na escola. A metodologia para o estudo incluiu pesquisa documental no Projeto Político Pedagógico, Regimento Interno, no Estatuto do Grêmios e na Sistematização de avaliação geral de semestre, onde me ocupei em analisar as categorias de autonomia, liberdade, diálogo e regras de convivência; e de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas (grupo focal), com integrantes do Grêmios que se constituiu, e individual, com a docente orientadora do processo. Na busca de generalização do Estudo de Caso me detive nos conceitos de autopoiese, didiscência, regras de convivência e Projeto Político Pedagógico por tratar-se de escola voltada para a educação popular e permanente ao longo da vida, com princípios de: educação para todos, construção plena da cidadania, transformação da realidade pela relação dialógica, autonomia moral e intelectual, fundamentados nas concepções de FREIRE. Para defender a incompatibilidade de seus princípios com regras de convivência analisei obra de DURKHEIM que me auxiliou na organização de ideias para a análise das entrevistas, e a de MATURANA e VARELA, para a compreensão do fenômeno da autopoiese. A dicotomia entre modelo e realidade, entre a heteronomia e a negação dos fatos, é o que chamei de compensação reflexiva: harmonia/controle ou violência/autoritarismo, e serve para justificar o modelo escolar. A atuação dos estudantes por representações, imitação das autoridades administrativas, ao conhecer a prática didiscente poderá analisar politicamente as questões de fato e compreender o espaço democrático. A montagem do Grêmios se constituiu numa tarefa, criou um acontecimento e gerou um fato no espaço escolar – sua manutenção. O controle produziu a heteronomia e o autoritarismo. A didiscência liberta pela autoridade no fazer e no conhecer, compartilhadas entre docente e discente.

Palavras-chave: Autopoiese. Didiscência. Regras de Convivência. Projeto Político Pedagógico. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Educação: Dever de todos.....	15
Quadro 2 – A formação do Grêmio: Motivação (presidenta).....	52
Quadro 3 – A formação do Grêmio: Mobilização (presidenta).....	53
Quadro 4 – A formação do Grêmio: Mobilização (aluna meio ambiente).....	54
Quadro 5 – A formação do Grêmio: Atuação (presid., Aluno e aluna ambiente).....	55
Quadro 6 – Os estudantes procuram o Grêmio?.....	56
Quadro 7 – Como a escola Vê o Grêmio?.....	57
Quadro 8 – A formação do Grêmio estudantil: Motivação, Mobilização e atuação (docente)	58
Quadro 9 – Destaques de falas da docente.....	59
Quadro 10 – Representações sobre a escola e o Grêmio estudantil	60
Quadro 11 - Destaque de falas e suas categorias.....	63
Quadro 12 - Questões à pensar.....	65

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	9
1.1	O SENTIDO DO EXISTIR NA EXISTÊNCIA	11
1.2	CONTEXTUALIZANDO O ESTÁGIO: superar os dramas e penetrar nas..... tramas sociais.....	20
2	DE DURKHEIM À MATURANA: incompatibilidade dos princípios de FREIRE com Regras de Convivência	28
2.1	ROTEIRO DE ENTREVISTA:.....	32
3	AUTOPOIESE: autocriação e aprendizagem de si	33
4	DA INEXISTÊNCIA À EXISTÊNCIA DO GRÊMIO: o sentido da formação	44
4.1	PRINCÍPIOS DE CONVIVÊNCIA NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	44
4.2	ENTREVISTAS: Grêmios estudantil e professora coordenadora do Programa de Intercâmbio estudantil – orientou a “montagem do Grêmios”.	49
4.2.1	Análise de Conteúdo: o sentido das falas - Quadros de análise	51
4.2.2	Relatório final	66
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICE A	76

1 APRESENTAÇÃO

Para buscar o sentido de meu interesse pelas questões que definiram este estudo fiz, lembrando um hábito de Freire ao discorrer sobre temas em Seminários, um percurso nas memórias de minha caminhada, percebendo os valores adquiridos que constituem a identidade com que me reconheço e que representa este acúmulo. São questões envolvendo disciplinamento, autoritarismo, exigência de respeito como se a escola não fosse, também, um lugar para se apreender o “respeito”, incoerência entre o projeto político escolar e suas práticas no cotidiano ou inexistência de ouvidos para a fala de educandos e educandas em escolas públicas.

A educação familiar na infância, o momento político decorrente do tumulto diante do governo deposto, na ocasião, as forças de opressão contra os que lutavam por direitos civis, impunham análises cautelosas no ambiente familiar, quando havia engajamento numa e noutra posição, enriqueciam os debates e instigavam a curiosidade do que seria tudo aquilo que preocupava os pais, trazia desemprego, medo e calava o País, através de torturas impostas a quem lutava pela liberdade. A vida escolar tinha um padrão adequado ao modelo. Falar pouco e não comentar assuntos perto de crianças que, por serem espontâneas, poderiam dizer algo proibido, era o ponto crucial. Quer coisa mais interessante do que “o escondido” para despertar a curiosidade infantil? A infância ocupada com a riqueza das brincadeiras superou esta fase porque em casa havia respeito apreendido sem autoritarismo e com liberdade de expressão, contrariando a situação político/social gerada pelo golpe que afetava econômica e psicologicamente a população brasileira. A oportunidade de afetos conviverem na diversidade de suas opiniões trouxe clareza sobre o lugar social, o poder dominante e as reivindicações das forças que se opunham ao regime militar. Ou seja, do valor da democracia em detrimento das causas pessoais ou de uma minoria privilegiada.

Então, a garantia do diálogo para o entendimento humano, não importa o que se argumente, é a força capaz de enriquecer o pensamento coletivo que move as sociedades. Para além do modo como cada pessoa interpreta a sua realidade, a *liberdade de expressão* é possibilidade de não sujeição a autoritarismos, em detrimento das liberdades individuais. Com o foco nos princípios de autonomia, liberdade e aprendizagens coletivas, trazidas pela possibilidade do diálogo, acredito

ser possível a construção do processo de respeito entre as pessoas e de uma sociedade que nos represente pelos valores de justiça. Para tanto, cada um de nós faz um movimento interno de autopercepção, de circularidade, de reflexão, pelo processo educativo e este espaço da educação, no tempo de cada um de nós, é a sociedade e isso depende do modo como nos inserimos nela.

Pela escola deve passar o princípio da liberdade e da autonomia do homem capaz de, respeitando a natureza humana, com potencial para intervir no mundo e fazer isto de forma justa, consideradas as diferenças no tempo e no espaço do desenvolvimento de cada sociedade, despertar a sua consciência individual para a dignidade coletiva. Sem esta condição o estudante não se prepara nem para as lutas pelo direito à própria educação.

No primeiro capítulo apresento o sentido de minha curiosidade pela temática e a divisão da pesquisa em capítulos: 1.1 avalio o processo de aprendizagem acadêmica, justifico a definição do estágio em EJA e a escolha do Grêmio estudantil como objeto de Estudo de Caso; 1.2 contextualizo o espaço e a experiência na escola pública municipal onde realizei o estágio. No segundo capítulo apresento a metodologia para o Estudo de Caso e os fundamentos teóricos, considerando a incompatibilidade dos princípios de Freire com regras de convivência e 2.1 o roteiro de perguntas para a entrevista. No terceiro, refiro o conceito de autopoiese. No quarto, reflito sobre o processo de formação do Grêmio: 4.1 os princípios de convivência no Projeto Político da escola e sua contradição com regras de convivência; 4.2 apresento a metodologia das entrevistas: 4.2.1 analiso o conteúdo, destacando falas e categorizando-as, elaborando quadros de análise, interpretando e comparando resultados; 4.2.2 realizo o Relatório final. No quinto capítulo faço minhas Considerações finais. A seguir, indico as referências e encerro com a transcrição das entrevistas (Apêndice A).

1.1 O SENTIDO DO EXISTIR NA EXISTÊNCIA

Surpreendida pela necessidade de resposta a um conceito em sala de aula a mente dispara, disponibilizando escolhas em seus arquivos a partir do vivido, enquanto o coração sinaliza com uma breve emoção o presente, e lhe impõe parar e ouvir, ver e refletir analiticamente o sistema de crenças que configura meu processo de identidade para compreender a *educação*:

-- Cala mente! Deixe o coração manifestar o apreendido, pelo sentimento que ficou do vivido. Analisa esta experiência pessoal no mundo das relações. Quero esses arquivos. Sei que me distraíste muito, mas nos momentos em que estive no agora identifiquei as origens de meu modo de ser, estar e reagir diante dos *acontecimentos*. Não tive domínio sobre eles, porque a ordem que os comanda, é uma força maior do que aquela que se reflete na sociedade, embora esta atue sobre os homens, chamando-lhes a responsabilidade coletiva e solidária, na medida em que resulta e diz respeito aos nossos atos, à partir de omissões ou decisões de cada indivíduo diante de *fatos sociais*.

-- Esta ordem mente, não tens capacidade de compreendê-la! Suas expressões estão por toda a parte no mundo. No entanto, ela nos oferece, neste ambiente, ferramentas para a percepção de nossa autonomia, a partir de movimentos conscientes ou inconscientes que conduzem ao autoconhecimento. O pensamento é ferramenta psíquica, interna. O ato de pensar viabiliza a aquisição cognitiva dos conhecimentos externos ao sujeito e adquiridos pela percepção, atenção, associação, memória, raciocínio, juízo, imaginação, e pela linguagem que se constitui a partir da materialização dos pensamentos humanos: homens considerados autopoieticos¹ pela biologia.

Então, a memória recorda uma poesia escrita, muitas e muitas vezes na infância, em álbuns de recordação, trocados entre colegas de escola com objetivo de demonstrar amizade:

1. **Autopoiese** ou **autopoiesis** (do grego *auto* "próprio", *poiesis* "criação") é um termo criado na década de 1970 pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. Segundo esta teoria, um ser vivo é um sistema autopoietico, caracterizado como uma rede fechada de produções moleculares (processos) em que as moléculas produzidas geram com suas interações a mesma rede de moléculas que as produziu. A conservação da autopoiese e da adaptação de um ser vivo ao seu meio são condições sistêmicas para a vida. Portanto, um sistema vivo, como sistema autônomo está constantemente se autoproduzindo, autorregulando, e sempre mantendo interações com o meio, onde este apenas desencadeia no ser vivo mudanças determinadas em sua própria estrutura, e não por um agente externo. De origem biológica, o termo passou a ser usado em outras áreas por Steven Rose na neurobiologia, por Niklas Luhmann na sociologia, por Gilles Deleuze e Antonio Negri na filosofia e por Patrick Schumacher na arquitetura. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Autopoiese>. Acesso em 26/06/17; às 13:09.

"A Fonte"

Hermes Fontes²

Depois de longa ausência e penosa distância,
vi a fonte da mata,
de cuja água bebi, na minha infância.

E que melancolia
nessa emoção, tão grata!

Ver - constância das coisas, na inconstância...
Ver que a Poesia é uma segunda infância,
e que toda a poesia...

... vem da fonte da mata...

A mente parece curvar-se a serviço do coração. Traz com ela o questionamento do significado que teria para meu pai a poesia quando a sugeriu entre tantas referentes àquela etapa de minha vida. Minha compreensão ingênua, porque não tinha subsídios para entender a profundidade da interpretação paterna, enquanto me auxiliava na escrita, somente foi superada com a maturidade.

Sentia sua sonoridade, na ocasião e, à medida que a internalizei, a mente esperou a oportunidade de provocar o coração. Freire, em "Pedagogia da Autonomia" infere sobre o senso comum:

Não há para mim, na diferença e na "distância" entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o resultado dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a

2. Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo **Fontes**: este sergipano foi um compositor e poeta brasileiro. Fundou o jornal *Estréia*, com Júlio Surkhov e Armando Mota, em 1904, no Rio de Janeiro. Formou-se bacharel em direito em 1911, mas não exerceu a profissão. De 1903 ao final da década de 1930 colaborou em periódicos como os jornais *Fluminense*, *Rua do Ouvidor*, *Imparcial*, *Folha do Dia*, *Correio Paulistano*, *Diário de Notícias* e as revistas *Careta*, *Fon-Fon!*, *Tribuna*, *Tagarela*, *Atlântida*, entre outras. Foi também caricaturista do jornal *O Bibliógrafo*. No período, trabalhou como funcionário dos Correios e oficial de gabinete do ministro da Viação. Em 1913 publicou seu primeiro livro de poesia, *Gênese*. Seguiram-se *Ciclo da Perfeição* (1914), *Miragem do Deserto* (1917), *Microcosmo* (1919), *A Lâmpada Velada* (1922) e *A Fonte da Mata...* (1930), entre outros. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/sergipe/hermes_fontes.html acesso em 26/06/17; às 13:03

curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. (FREIRE, 2015, p. 32)

No segundo semestre do curso de Pedagogia, esta poesia sintetiza a caminhada, ausente de si, de cada um, à medida que se distancia desta etapa de vida, a infância, e sofre as dores de suas escolhas de vida, sente a alegria dos bons momentos, reconhece o trabalho íntimo e o necessário para responsabilizar-se consigo e com o outro, percebe a rede de relações durante o processo de construção de sua identidade. A mata representa o estado de natureza, o início do processo educativo, o impulso, a história familiar e social, a cultura do lugar, os seres que conviveram ou se comprometeram por este sujeito, ou não, na alegria ou na dor. Instiga a pensar a poesia como a manifestação da expressão que essa educação deixa para mim como marca positiva, pois de qualquer forma me faz refletir o vivido na força ativa da arte, o que lhe dá um poder transformador, sempre atual e atuante, em movimento (não linear; processo de circularidade, reflexivo).

Para Rousseau, no Contrato social (1762), a primeira forma de sociedade seria a família, aquela que mais se aproxima de uma sociedade natural, servindo como primeiro modelo de sociedade política.

A existência se traduzia no tempo sem a tomada de consciência de seus efeitos sobre o vivido, diante das necessidades e decisões no cotidiano, mas do espaço da mata emergia o conceito de educação, identificado durante o processo de formação pedagógica nas palavras de Freire:

Educação é o ato e processo sócio/político e uma situação gnosiológica aonde as pessoas, mediadas pela realidade dialógica umas com as outras e, em permanente leitura analítica-crítica daquela realidade, superam a pobreza política e a consciência ingênua, construindo, até a morte, a consciência política pela rejeição a todas as formas de opressão. (<http://www.carlosfernandes.prosaeverso.net/visualizar.php?id=790895> acesso em 09/07/2015; às 15:40)

Compreendi a amplitude dos espaços educativos, escolares e não escolares, a importância daqueles que nos orientam a jornada, desde a infância; o sentido das coisas objetivas, externas a nós, que a vida expõe e relacionamos com as crenças internalizadas, subjetivas, para a formação de nossos valores e princípios; a necessidade de não julgar, em adultos e adolescentes, atitudes para as quais outra não ocorreria se considerado as circunstâncias, seu contexto de vida naquele

momento, suas necessidades e tudo que lhe foi negado ou exigido em idade imprópria, percepções abstraídas de aprendizado no campo social. Nesta fase uma pergunta inquietava: Como a sociedade, com seu conjunto de sistemas organizativos cobra resultados imediatos daqueles que menos tem condições de compreender normas que se impõem sobre eles, derroga o direito e se expressa pela força de quem detém lugar de poder, enquanto situações semelhantes privilegiam quem conhece seus direitos?

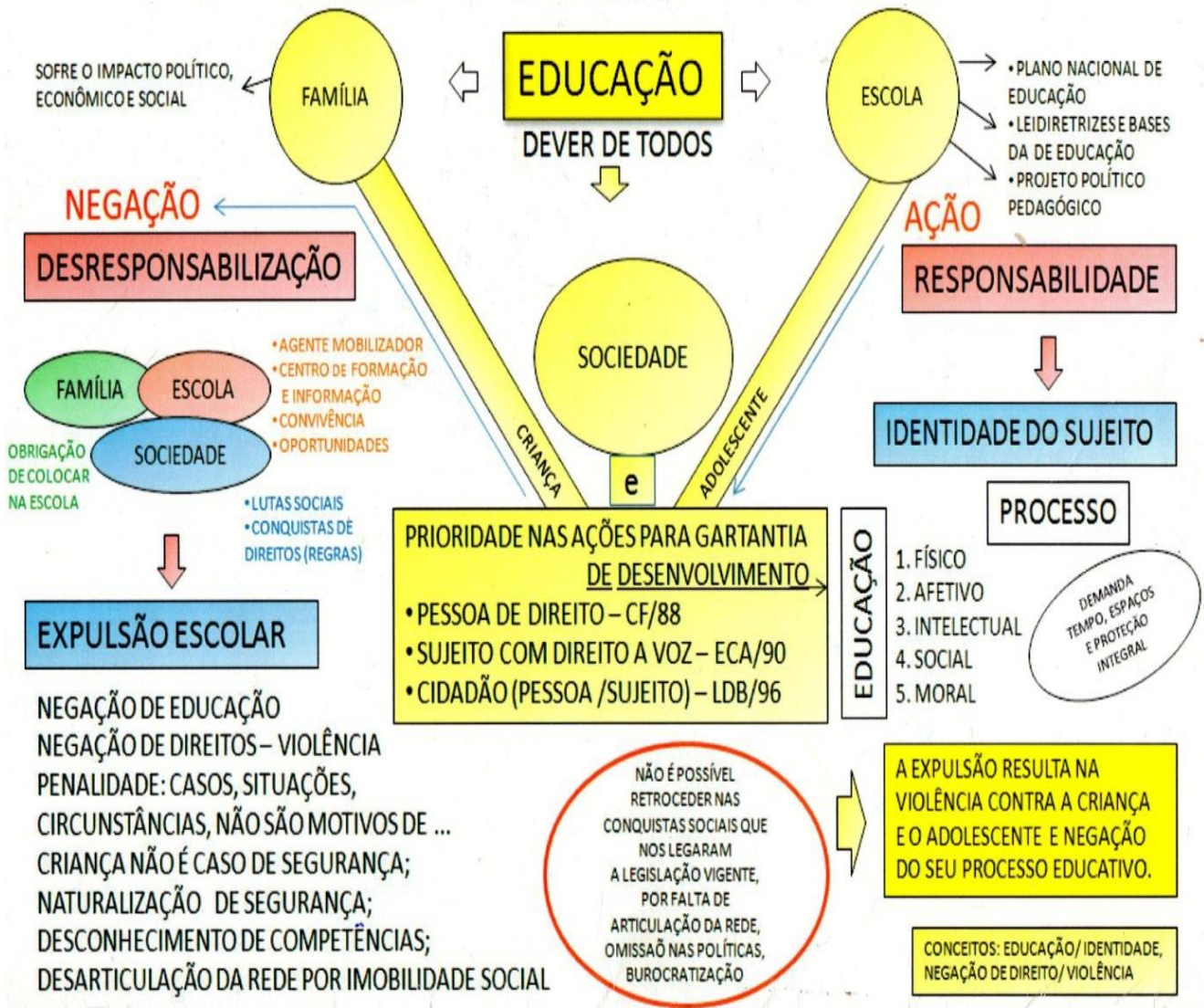
Da mesma forma, na disciplina de Pesquisa a construção do conceito de educação, descrito no mapa mental³ (a seguir) é disposto como um sistema amplo diante de outros subsistemas na análise. A concepção de Paulo Freire “*do homem como ser inacabado*”, em constante descoberta de si mesmo, é o eixo para pensar a estrutura social, o processo de desenvolvimento da criança e do adolescente, de construção de identidade, de conhecimento das instituições sociais e da efetividade de garantia de direitos para a formação político cidadã.

As práticas pedagógicas durante o curso na UFRGS permitem o contato com o disciplinamento escolar, encaminhamentos para Conselho Tutelar (CT) como instrumento punitivo e incoerência entre o Projeto Político Pedagógico (PPP) e a formulação de regras de convivência em espaços que se diziam democráticos e participativos.

3. Mapa mental, ou mapa da mente é o nome dado para um tipo de [diagrama](#), sistematizado pelo psicólogo inglês [Tony Buzan](#), voltado para a [gestão de informações](#), de [conhecimento](#) e de [capital intelectual](#); para a compreensão e solução de [problemas](#); na [memorização](#) e [aprendizado](#); na criação de manuais, [livros](#) e [palestras](#); como ferramenta de [brainstorming](#) (tempestade de ideias); e no auxílio da [gestão estratégica](#) de uma empresa ou negócio. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mapa_mental. acesso em 26/06/17, às 13:14.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - PEDAGOGIA - PESQUISA EM EDUCAÇÃO

HÁ UMA DESRESPONSABILIZAÇÃO COLETIVA QUANDO A ESCOLA, SEM INTERPELAR A REDE, EVIDENCIA SUA OMISSÃO NOS PROBLEMAS E CONFLITOS ENVOLVENDO ALUNOS E DOCENTES.



Quadro 1: Educação Dever de todos. Produzido em Trabalho apresentado na Disciplina de Pesquisa em Educação (EDU 03080) em 2014/2.

As inquietações que me conduziram a buscar o tema da *expulsão escolar* estavam diretamente relacionadas com as estruturas administrativas que eu conhecia e com o poder/possibilidade de articulá-las numa situação de motivação de viabilidade comunicativa, devido a minha condição de trabalho, para que determinados assuntos fossem encaminhados. Havia consciência política e vontade

de diálogo entre envolvidos e ninguém se sentia um segmento isolado porque compreendiam a interdependência para a resolução necessária dos problemas, animados e cientes das implicações de omissões nas demandas futuras no campo social.

Portanto, não basta a estrutura, o poder sobre as forças que reivindicam algo em seu interior, para que a comunicação existente, pelo ânimo de alguns naquele momento, produza algo que diga respeito a este todo e seu resultado penetre numa nova estrutura de pensamento que contagie a mobilidade destes subsistemas, independente de quem lá esteja. Então, é o indivíduo em relação com o indivíduo, a partir de sua vontade, por ação ou reação, atendendo as necessidades coletivas nestas estruturas, o *agente provocador* desta produção que pode resultar em transformação ou em estagnação para si próprio e para o todo. A estrutura de cada sistema tem suas regras de funcionamento e de execução de suas tarefas, porém os problemas são da ordem humana, existencial sobre todos os seus aspectos. No entanto, o que é necessário para mim, às vezes, pode não ser para a coletividade. Quando resolvo um problema solicitado pelo chefe o interesse é daquele sistema, onde em primeiro lugar está o lucro, o funcionamento da máquina empresarial. Ali a força do trabalhador foi vendida por um valor que, às vezes, não lhe agrega qualidade de vida e lhe impõe um convívio que o endurece: o jogo entre o poder e a força diante de necessidades ou desejos.

A práxis de alguns professores, neste período, coerência entre teoria e prática dentro do sistema escolar, expressa pela metodologia que adotam em sala, revelando o teórico adotado, até mesmo sem que dele fale, porém, obtendo de reflexões pessoais compartilhadas, definições ou respostas sempre novas, condizentes com a realidade de cada um e repensadas diante de uma perspectiva político/social do coletivo que discute, constituem a curiosidade epistemológica que leva o educando a pesquisar, a perguntar, a colocar suas dúvidas, o incentiva a comunicar lacunas que lhe dificultam a compreensão. Conseqüentemente, ocorre uma compreensão sobre o teórico pela visão de seus princípios educativos em ação. O educando experimenta a proposta pedagógica na dinâmica da aula do professor: “aprender, aprendendo a ensinar” e “ensinar, aprendendo com o aprendente”. Dodiscência: o compartilhamento de experiências individuais e sociais entre o docente e o discente para a apreensão de saberes, na busca de conhecimentos

históricos, políticos, culturais e sociais que avultem a consciência e a responsabilidade de todos perante a vida. Freire enfatiza este conceito para além do professor como mediador

[...] Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se ensina e se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “dodiscência” – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico. (FREIRE. 2015, p. 30).

Referindo-se a pedagogia do processo científico, Paviani acrescenta:

O professor é aquele que aprende ensinando e, neste sentido, a grande lição do processo científico é a de acabar com o autoritarismo dos mestres e transformar todos, mestres e discípulos, em alunos. Ambos precisam aprender a formular problemas, pois estes não se apresentam por si mesmos. (PAVIANI, 1987, p. 103)

Nas práticas pedagógicas durante o curso, nas escolas, observei, no entanto, que, entre o desejo de tornar o currículo significativo para os estudantes e a pressão de direções julgando as práticas docentes, tirando-lhes a autonomia em sala de aula ou impondo constrangimentos que, além de abalar emocionalmente, interroga sobre *que formação é essa que não dá autoridade para o que estou habilitado*, se manifesta uma concepção de empresa dentro da escola. Todos são *coisificados*, desconsiderados como sujeitos do processo de aprendizagem e o educando, em formação, é calado para ser menos um a argumentar. **As regras de convivência se constituem o recurso disciplinador para atingir as condições desejadas neste modelo - o controle.** Surpresa é quando encontramos esta situação em escolas públicas com discurso democrático. Saviani diz que *“quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola; e quando menos se falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática”* (SAVIANI, 1992, p.59).

Paviani (1988), em “Problemas de Filosofia da Educação”, referindo-se à dimensão comunitária da escola diz: *“Não é a escola que reúne alunos e professores, mas a necessidade de educação que dá origem à escola.”* (p.60) e introduz o capítulo citando Freire: *“Esta ação sobre o mundo, que, sendo mundo dos*

homens, não é apenas natureza, porque é cultura e história, se acha submetida aos condicionamentos de seus próprios resultados” (p.59). Ou seja, o indivíduo está submetido àquilo que, coletivamente processou e que acaba se constituindo a causa dos acontecimentos sociais, também referido por Durkheim (1985) como movimentos reativos do sujeito, porque são ações coercitivas (sociais), retornando ao cidadão. Quanto às questões administrativas da escola, Paviani acrescenta:

O dito sistema, que não é ninguém em concreto, e sim pura abstração, ou algo impessoal, usurpou a possibilidade de o professor decidir sobre a conduta do aluno. Cabe ao professor cumprir normas, regulamentos. A mesma tarefa cabe aos funcionários. Assim, quando um aluno tem um problema, ele é enviado à direção, depois ao serviço pedagógico, ao serviço de orientação educacional e, deste modo, a burocracia transforma o professor num mero instrumento de um aparente ordenamento neutro. Deve-se obedecer ao que foi racionalmente estabelecido, mas isso jamais poderá significar omissão frente aos compromissos pessoais do professor. Isto jamais poderá tornar-se desculpa para uma espécie de abdicação da consciência moral. (PAVIANI, 1988, p.116)

É a ação da vida, na medida de seu curso, que faz a pessoa perceber, por reação, sua posição na sociedade, o lugar que conhece, estabelece relações e se educa a partir de suas aprendizagens, em sua autopoiese.

Então, a imagem do mapa, acima, representa o possível, diante das conquistas coletivas numa pequena fração da sociedade. Seus efeitos ainda não foram sentidos pela coletividade e a causa que deu origem a estas leis (*atos sociais* com mais de 40 anos, resultando no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, lei 8069/90; na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, lei 9496/96 e na própria Constituição Federal de 1988), assim como a insistência em ignorá-las, agravou a situação de crianças e adolescentes em nosso país. Hoje, estamos sob a ameaça de um grande retrocesso frente ao impeachment presidencial em 2016/2 e a Lei da mordaza.

Realizei as práticas pedagógicas, exigidas pelo currículo da Pedagogia, em Educação Infantil e em anos iniciais, optando pelo estágio de conclusão de curso nos anos iniciais na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), por conhecer um pouco os problemas sociais que afastam da escola quem os enfrenta e que, se mediados pela instituição, poderiam ser amenizados.

A oportunidade de ficar mais tempo dentro de escola pública *durante o estágio de docência*, o olhar sobre a organização dos segmentos escolares, a ausência de representatividade discente, desacordos entre as práticas e o Projeto Político Pedagógico (PPP), a atuação docente, as práticas pedagógicas e as atividades culturais na escola reproduziram algumas das inquietações mencionadas.

Diante do exposto e considerando que: 1. *Fatos sociais ocorridos naquele momento mobilizaram docentes e discentes para questões políticas e 2. A insatisfação discente com regras de convivência, manifestadas em avaliação obrigatória de final de gestão escolar na frase “[...] até podemos falar, mas não somos ouvidos!”; desejo compreender quais os fundamentos que serviram para impulsionar a formação do grêmio, o protagonismo estudantil, os valores e os aprendizados resultantes da mobilização, propostos para atuação política. **Como promover a autonomia cidadã quando o educando é tolhido de sua espontaneidade no cotidiano escolar por regras de convivência que afetam o processo de construção de sua identidade discente?***

Assim, pretendo:

1. Compreender a ausência de um Grêmio estudantil numa escola pública de EJA com 27 anos de existência e a causa de sua organização;
2. Identificar no contexto escolar o protagonismo estudantil, espaços de liberdade e autonomia de aprendizagem cidadã;
3. Relacionar a proposta político/pedagógica com o contexto de regras de convivência.
4. Refletir sobre as implicações do conceito de autopeiose para a educação e da autodisciplina nas relações comportamentais na escola.

1.2 CONTEXTUALIZANDO O ESTÁGIO: superar os dramas e penetrar nas tramas sociais

As práticas pedagógicas me trouxeram o hábito de solicitar o Projeto Político Pedagógico (PPP) e Regimento Interno (RI) das escolas, sempre ao primeiro contato para que, numa análise comparativa, percebesse incoerências individuais e coletivas entre professores, servidores, educandos/as, no campo administrativo ou identificando pressões destas categorias para reivindicar assuntos importantes ou de seus interesses, além de me interar sem ferir proposições do contexto.

No estágio em EJA (Educação de Jovens e Adultos), em docência compartilhada, chamados a uma entrevista para conhecermos as professoras titulares e sabermos um pouco da turma, como deveríamos dirigir nosso olhar sobre o educando/a, refleti esta conversa entre nós quatro no Diário de Classe (DC):

[...] Foi enfatizado a questão do “processo individual” e da sensibilidade de cada um com o seu desempenho, que para nós ficou claro: “o respeito que devemos ter com o tipo de pergunta que faremos” ou, até, que não devemos fazer, pois um bom observador dispensa perguntas e aguarda os resultados no convívio para responder as suas curiosidades, se assim podemos nos referir. O que deve nos interessar são os momentos vividos na experiência diária e comprometimento com a proposta pedagógica. Sabemos, no entanto, da necessidade do “humano” de trocas com relação a necessidades, desejos e expectativas (interação psicológica / dialógica). A entrevista trouxe confiança (DC: 09/08/2016/2).

A abordagem, de forma alguma nos afetou, porque este tipo de postura era evidente para nós e acrescento no diário, considerando os princípios teóricos adotados na escola e mural na recepção da escola: “[...] *Paulo Freire, em imagem num dos quadros, “satisfeito com o processo”, comentamos!*” (DC. 09/08/2016/2).

Dirigimos nossa atenção para o uso da literatura em sala de aula pela ênfase referida e uso de determinada obra. Isso nos sugeriu a apropriação desta matéria para acompanhar os trabalhos. Foi o que nos permitiu estabelecer vínculos. Através da análise e comparação de suas falas com referência as relações entre os personagens do livro, nos chamou a atenção o modo como transportavam para a vida pessoal as experiências de cada personagem, fazendo julgamentos, críticas, detendo-se em características físicas, psicológicas e emocionais destes, sustentando preconceitos ou atribuindo responsabilidades de um sobre

consequências na vida de outro. Considero importante para minha análise às reflexões feitas naquele período - semana de 29/08/2016 à 02/09/2016:

[...] Estas questões nos levaram a considerar que se prendiam aos *dramas vividos* pelos personagens e que, em algum momento, os lembrava dos próprios enredos de suas vidas, como numa novela. Interagiam, naquele momento, mas sem nenhuma responsabilidade com o efeito daqueles atos, aguardavam o dizer da escritora e faziam a sua crítica passiva, julgavam, sem aprender quando se identificavam com algum personagem. Talvez como um educando disse: “o escritor *pode se vingar*”, ou seja, pode mudar o texto, pode fazer valer a sua vontade. Isso não ocorre no mundo do eu sozinho. Interagindo com aquele que desejo, com quem me agrada, com quem é como eu gosto que seja. Precisamos nos relacionar com o contraditório para descobrirmos realmente quem somos, o que podemos, o que queremos e o que é possível. Então, percebemos uma grande diferença entre interação e relação, porque enquanto uma se dá em razão de egos, a outra coloca os egos em disputa e desta resulta os aprendizados apreendidos do contexto da vida real. Ninguém apreende e aprende de si mesmo. Nos vemos no outro. Como o momento do indivíduo captura a realidade ou como a realidade empresta ao momento do sujeito, significado coletivo? De que maneira estas percepções unem os sujeitos em suas interações para que, realmente, aconteça uma transformação, um processo criativo onde se estabeleça uma relação de crescimento mútuo? Adquirir sensibilidade com os acontecimentos, crescer, transformar-se. [...] Se a **interação** estava para a pessoa, como sujeito do processo de construção de sua identidade, ou seja, para o seu **drama**, então a **relação** estava para a coletividade, ou seja, para a **trama** que se estabelece no convívio histórico/social/cultural, criando espaços de reflexão, criação e transformação daquelas ideias pessoais.(DC: 29/08/2016/2 à 02/09/2016/2)

Como o momento do indivíduo captura a realidade ou como a realidade empresta ao momento do sujeito, significado coletivo? Interessante como esta pergunta, após a leitura de Maturana e Varela toma outro sentido para mim com o conceito de autopoiese. Estes autores sustentam que as bases biológicas do conhecer, o fenômeno do conhecimento e as ações que dele decorrem “não podem ser entendidas somente por meio do exame do sistema nervoso” (p.40), uma vez que este é mais um componente na organização autônoma do indivíduo e toda a sua dinâmica, todo o seu fazer, é um conhecer, um ato cognitivo, em sua autopoiese, ou seja,

[...] toda a experiência cognitiva inclui aquele que conhece de modo pessoal, enraizado em sua estrutura biológica, motivo pelo qual toda a experiência de certeza é um fenômeno individual cego em relação ao ato cognitivo do outro, **numa solidão que só é transcendida no**

mundo que criamos junto com ele. (MATURANA e VARELA, 2010, p.22)

Partem do princípio de que o mundo só aparece para nós no ato de conhecer e propõem dois aforismos como fio condutor de sua explicações: “ 1. *Todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer; e 2. Tudo que é dito é dito por alguém (p.31-32)*”. Assim, trazem a ideia de circularidade do processo autopoietico na **filogenia** do ser – história de sua organização como espécie: ser e fazer o constitui na medida em que há uma interdependência entre todos os sistemas no constante funcionamento de seu organismo; e na sua **ontogenia** que é a história de suas mudanças estruturais, mantendo esta organização que são determinadas pelo domínio de interações que o próprio ser especifica, como unidade total, porém, adaptando-se às dinâmicas de perturbações que acontecem entre ele e o meio. Estas perturbações, no entanto, “*não são determinantes ou informativas, para ambos*” (p.87), considerando a independência entre estes sistemas (o ser e o meio). O resultado é um processo adaptativo que mantém a integridade de ambos.

Então, “*A experiência de qualquer coisa lá fora é válida de uma maneira particular pela estrutura humana, que torna possível “a coisa” que surge na descrição*” (p. 22). O que o sistema nervoso possibilita é a ampliação de um campo de percepções e o ingresso num tipo de acoplamento estrutural *comportamental*, naquilo que os autores chamam de terceira ordem porque abrange o domínio da linguagem, que viabiliza o ato reflexivo no processo adaptativo do indivíduo (autopoiese). Faz sentido a análise de Durkheim, à diante, quando diz que a sociedade é um corpo “*sui generis*”, ou seja, também autônomo. Acrescentam:

A reflexão é um processo de conhecer como conhecemos, um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão aflitivos e tão tênues quanto os nossos (MATURANA e VARELA. 2010, p. 32)

Retomando: A organização para a programação escolar de início de semestre era intensa e diferentes turmas compartilhavam projetos desenvolvidos no semestre anterior como ditadura; desvio de verbas públicas (teatralizado); inclusão do Conselho do Idoso no Estatuto escolar para obtenção de recursos financeiros em projetos; eleição para prefeitos; relatos sobre a importância da arte através da dança e da música para a inclusão escolar; destacando a formação estética para o

reconhecimento de variadas formas de expressão e a obra de Picasso “Guernica”, explicando o tema da guerra civil espanhola.

Partindo desta apresentação/avaliação, a seguir, em nova reunião pedagógica geral dos professores discutiram as novas temáticas e alguns eram enfáticos com relação à formação dos educandos para o enfrentamento da vida, o olhar sobre os povos oprimidos e a cidadania. Conseguimos perceber uma estrutura administrativa interessada na formalização das intenções coletivas, mas a participação efetiva dos educandos nestes debates para as novas propostas não aconteciam coletivamente. Seus debates eram realizados em sala e trazidos através de temas. A discussão era levada por alguns professores sempre para o interesse social, coerente com o PPP e percebíamos a riqueza da experiência naquele ambiente. Assim, transcrevo anotações da reunião de 12/08/16 do Diário de Classe:

Após apresentações, início das novas propostas para o calendário de 2016/2, com assuntos motivadores: Ano eleitoral com pauta trabalhista e previdenciária; Olimpíadas; Missões, Cidadania (forma mais sistemática, pensar em eleger pessoas comprometidas com a classe trabalhadora); convidar candidatos e ver seus projetos políticos, promover um DEBATE, trabalhar matemática, estatística, o perfil da sociedade brasileira (o que fazem as mulheres?); trabalhar textos ligados a ciência (Quais são as nossas fragilidades na área da saúde?); escolarização das mulheres, trabalhos informais, terceirizados, temporários; questões de cidadania (produção de currículo para o pleito de vagas, documentação, uso da informática); cálculo de salários; existência de grupos imaturos, necessidade de trabalhar a concentração, a organização e projetos específicos para desenvolver habilidades e postura em entrevistas de emprego; trabalhar o perfil da sociedade brasileira; políticas públicas; Diferença entre trabalho e emprego, economia alternativa; Cultura indígena e africana. (DC: 18/08/2016)

As rotinas do semestre trouxeram elementos de reflexão no sentido de pensar como, efetivamente, funcionava a máquina administrativa e de perceber nos acontecimentos o que afetava o convívio. A procura de vagas por adolescentes aumentou e isto inquietava a direção uma vez que a educação permanente traz outro perfil para a escola e o convívio com adultos indicava diferentes propósitos com relação ao avanço nas totalidades. Os idosos valorizam a convivência, enquanto adolescentes desejam concluir com rapidez seus estudos para ingressar no mercado de trabalho. Havia animosidade para com os mais jovens em sala, porém estes, além de contribuir com as aprendizagens escolares, incentivavam a desacomodação. O agrupamento de turmas reduzidas colocava em risco a harmonia

entre adultos e adolescentes e havia preocupação quanto à mudança no caráter de atendimento para a demanda de vagas, considerando a procura de jovens (juvenilização da EJA – menos tempo na escola) e a possível mudança de governo com as eleições municipais.

Até a metade do semestre as reuniões pedagógicas foram regulares e graças a elas uma das primeiras coisas que percebi foi sua concepção sobre o educando/a procedente de abrigo. Havia o entendimento de que este havia feito algo para estar em abrigo, ignorando sua condição de penalizado por situação ou circunstância para a qual não tinha nenhuma obrigação, pelo contrário, estaria ali pela negligência daqueles que lhe deviam responsabilidade, de alguma forma negligenciada. Para os casos em que o tempo de permanência se ligava a algum tipo de déficit intelectual que impedia o avanço, a discussão era sobre o encaminhamento para instituição vinculada à escola, porém, dedicada ao atendimento de inclusão, sugestão contrária à legislação que propõe justamente o convívio em escola regular. Assim, registro no Diário:

Assuntos: Adaptação difícil de adolescente em T1 e T2; avaliação de avanços para alunos com potencial – que cada um seja o parâmetro de si mesmo; -“Elos de vida” não fazem sentido para adolescentes (sem memórias) e há muitos ingressando neste período; T3 faz correspondência até 5º ano; sábado de recuperação da greve – dividir a manhã do sábado para atender os dois turnos; cuidar a maturidade do aluno para avanço; consultar o serviço de orientação – SOE para saber detalhes da situação do aluno, para parâmetro. Não há vagas e tem uma demanda grande! Tem que ter bom senso. “Fulano” já está com “medida”, se colou em quem não tinha que se colar! Não podemos desligar. A maioria é “menor”!; PTE – Programa de Trabalho Educativo, é um trabalho com remuneração. Processo seletivo na escola tem que se dar pelo interesse do aluno. Poucos permanecem por longo tempo... O aluno é adolescente, mas interage com os velhos... (DC: 25/08/2016)

O modo como se referem às necessidades dos educandos implica valores individuais que desconhecem propósitos sociais observados não só no modo como pensam os encaminhamentos, mas nos termos utilizados para se referir a eles (**medida: termo presente no PPP escolar como sanção**). Julgam o “merecimento” destes para estarem numa situação *de direito* que não diferencia o cidadão. Desconsideram que o mais necessitado de educação é justamente aquele que identificam como desajustado, ou que, sequer, admitem como vítimas de nosso sistema social. Buscam na escola recursos não encontrados em seu ambiente

familiar ou negados durante boa parte de suas vidas quando retornam a ela, após encontrarem uma estrutura mínima que lhes possibilite retomar seus sonhos como a EJA. A oportunidade de viver em proximidade com o outro educa, se pensarmos que a afetividade resultante, mesmo com seus contratempos nas relações, estabelece diálogo íntimo capaz de mudanças entre as partes. Tal situação demonstra falta de conhecimento do conteúdo de leis como o ECA no que diz respeito ao compromisso da sociedade com a formação cidadã do jovem, apegando-se apenas na idade limite de ingresso na EJA, até a responsabilidade civil, quando, na verdade, estão completamente despreparados para a vida. Este período de transição entre os 18 e 21 anos deixa a pessoa num total abandono quando o Ensino Médio lhe nega a vaga porque pretende garanti-la àqueles que estão dentro da idade esperada e a EJA não atende a todos que buscam este recurso, avaliado pelas direções escolares quando começam a estabelecer critérios valorativos sobre a pessoa para a oferta de matrícula. Além do número limitado de vagas e de escolas disponíveis, há uma política de não divulgar nas comunidades a existência da EJA, chamando o seu público alvo. Isto é comum em outros municípios. Esta escola, em bairro nobre da cidade, recebia pessoas de outros municípios da grande Porto Alegre e de bairros mais distantes, enquanto papeleiros da região não a frequentavam. Trata-se de um recurso capaz de uma mudança social para estes trabalhadores. Reunir turmas me parece reduzir esta possibilidade para o próprio bairro.

Este foi o primeiro momento em que vi a fragilidade no trato de modo “humano”, tão presente na obra de Freire: a questão entre a relação e a interação: na convivência da administração escolar com os seus segmentos, havia uma comparação na relação professor/educando, comprometendo a interação e a resolução de aspectos da vida destes adolescentes, principalmente. Importante a escola acolher sempre o educando, sem restrições, para que não sofra efeitos danosos em sua existência.

Os mais velhos encontravam nas atividades de passeio e artes, satisfação para o convívio, além de não questionarem as regras. A comunicação acontecia. A escola atende em três turnos e a noite é mais frequentada por adolescentes.

Vivemos momentos de retrocesso na educação. A Conferência Nacional de Educação (CONAE), espaço democrático, instituído pelo Poder Público em

articulação com a sociedade, no interesse da Educação Nacional, refere na moção 19/2014, sobre o Projeto de lei 6840/13, que propõe a reformulação do Ensino Médio:

A proposta de eliminação do ensino noturno para menores de 18 anos desconhece que 78% da população economicamente ativa começa a trabalhar antes dos 18 anos de idade. (PNAD – DIEESE,2008). Dados do IBGE de 2011 informam que 31,5% dos jovens de 14 a 17 anos trabalham e estudam, estudam e procuram emprego, ou só trabalham. Isso significa que acabar com o ensino noturno para essa faixa de idade é, de fato, excluí-la do sistema de ensino. Destinar o ensino médio noturno apenas à faixa etária dos 18 anos em diante significa duplicar uma política já existente, que é a EJA, ou em outros termos, a superposição de modalidades que cumprem a mesma atribuição. Outra inconsistência presente neste Projeto de Lei diz respeito à compulsoriedade da jornada de tempo integral. Os jovens devem exercer o livre direito de escolha. O PL 6840/2013 se constitui na NEGAÇÃO DE DIREITOS JÁ CONQUISTADOS E UM RETROCESSO PARA A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICO-CURRICULAR DO ENSINO MÉDIO- ABAIXO O PL 6.840/2013! (<http://conae2014.mec.gov.br/images/doc/Sistematizacao/Mocoos/19ContrariaoPL6.pdf>):

As atividades de passeios estreitavam os laços de convivência, principalmente para adultos que estavam na escola há muitos anos, sem avanços. Este aspecto – o avanço - me pareceu impossível de coexistir com turmas com mais adolescentes, pela cooperação dos adolescentes para as aprendizagens dos mais velhos, em sua dinâmica em sala.

À medida que o semestre decorreu iniciou um assunto reservado às professoras titulares sobre a avaliação destes casos, considerando o término da gestão escolar, a eleição para prefeitos municipais (possível mudança de concepção educacional) e a situação de impeachment presidencial, gerando debates, cujos efeitos mobilizaram a escola. Houve participação em atos públicos contra medidas de mudança no ensino médio e a lei da mordaza. Neste período as Universidades foram ocupadas pelos estudantes.

Fomos tão afastados do processo de avaliação que nos desautorizaram a realização da avaliação do estágio com a turma, por força de impedimento da direção. Recorrendo ao PPP verifiquei tratar-se de decisão contrária a seus propósitos no que diz respeito ao apoio para a formação docente, porém não tivemos espaço para argumentações. Este evento reforçou minha consideração sobre os efeitos emocionais para aqueles sem nenhuma experiência acumulada,

que se preparam para enfrentar a vida, tolhidos de sua autonomia e que, em dado momento se deparam com “Princípios de convivência” que suspendem a sua fala ou negam ouvidos para argumentações. A lei da mordança em vigor! A ocupação das universidades em 2016/2! ... Ironicamente isso pode se voltar contra a própria escola quando **retira a liberdade de expressão, mas dela necessita no momento da luta por direitos comuns.** A partir desta determinação que desconsiderou os aspectos legítimos para a conclusão do estágio, tomamos, devido à docência compartilhada, uma decisão, quase que tácita, e optamos pela valorização do tempo de convívio com as professoras titulares da turma, nos calamos. O incidente reforçou as compreensões hierárquicas dentro da escola, negação do clima de diálogo uma vez que o interesse, seja lá qual fosse, poderia ser compartilhado conosco, ou não. Neste processo de avaliação da gestão, a chapa única para a nova direção encaminhava propostas e um grupo de estudantes adolescentes, apresentados por uma professora, divulgava a formação do Grêmio estudantil, ocasião em que tomamos conhecimento de sua inexistência porque o PPP o previa no quadro organizativo escolar. Registrei no Diário, fala da professora que leu o relatório sistematizado da avaliação escolar:

[...] mostra o resultado da avaliação institucional do ... (escola) que, quanto à questão pedagógica chega a conclusão de que o educando até pode se expressar mas não é atendido em suas demandas, interesses, curiosidades. [...] foi enfática, categórica e disse que o Projeto Político Pedagógico do sugere outras opções além da concepção de Tema Gerador e se não está sendo possível, efetivamente, ser coerente com a proposta de Freire, então que se busque outra forma, porque falta a escuta docente para atender as reivindicações dos educandos em suas demandas. [...] De qualquer forma a “voz do educando e a audição docente” são temas que comprometem a participação e o processo democrático. Também me surpreendeu saber que este é o primeiro ano da organização do grêmio estudantil. (DC: Avaliação de semestre, 18/11/16).

Assim, concluí o estágio percebendo o quanto o campo das emoções nos instigam reflexões profundas, mas me recusava a psicologizar a situação. Queria entender o sentido dos acontecimentos, seu aprendizado quando me interessei pela leitura de Durkheim ao observar, em sua obra, o mesmo esforço que eu própria fazia para escrever um artigo onde me mantivesse nas questões de fato. Encontrei em Wallon outros fundamentos. Tudo a seu tempo! Ambos também se conectam à Maturana e Varela pelo estudo das emoções, do movimento. Meu gato me inspirou em seu *comportamento* e o *artigo* sintetizou aprendizagens, me contentando.

2 DE DURKHEIM À MATURANA: incompatibilidade dos princípios de FREIRE com Regras de Convivência

Minayo (2016) me auxiliou na organização do projeto de pesquisa, mas decidi pelo **Estudo de Caso** como estratégia de pesquisa, porque desde o período de estágio, considerando-o, neste momento, como uma *observação participante*, me dediquei à leitura do Projeto Político Pedagógico escolar (PPP), do Regimento Interno (RI) e das Regras de Convivência que, de imediato, me trouxeram questões de atenção e observação como autonomia, liberdade, relações no espaço escolar, que acabaram marcando meus registros, cujos apontamentos compõem o Diário de Classe desta experiência e que agora, durante esse processo de pesquisa, me possibilitou conectar, pela coerência, teóricos como Freire, Durkheim e Maturana e Varela. Associei fatos ao conteúdo dos documentos.

A atenção que dispensei aos documentos e o desenrolar dos acontecimentos durante o semestre me permitiram uma organização lógica de ideias para a proposição de uma hipótese sobre o que teria impedido a sua formação e o que teria dado causa a ela. Considerando que a unidade de estudo – o grêmio estudantil, e o contexto onde ocorreu a sua criação, não me possibilitou toda a compreensão do fenômeno em sua realidade, esse instrumento de pesquisa, através da análise das entrevistas, propiciou um contato mais direto com as causas de sua organização e a história de sua inexistência. A busca do conceito de *autonomia*, a partir de minhas hipóteses, me conduziu à leitura da Árvore do Conhecimento para ampliar concepções sobre as bases biológicas do conhecer e o fenômeno da autopoiese para o estudo do comportamento. As citações de Freire no PPP escolar, a partir da obra Medo e Ousadia: o cotidiano do professor, me conduziram à leitura da obra como fonte onde fundamentam os princípios da escola (educação libertadora, rigor, liberdade, relação dialógica). Quanto à Durkheim foi, justamente, uma atitude autoritária da escola frente a nossa condição de estagiários que me motivou a leitura (diferenciar *função*, *utilidade* (aspecto psicológico, individual), *de causa* (acontecimento, coisa, substância, fatos). Questões envolvendo força, poder e coerção.

Assim que tomei conhecimento das concepções filosóficas da escola; da influência política filosófica que envolveu toda a sua origem a ponto de se confundir

com a própria trajetória do Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA), nos idos de 1989, passei a dirigir um olhar especial para assuntos como a construção da identidade discente, seu protagonismo. Observei que, em seu PPP, o Serviço de Orientação Educacional (SOE) tem como uma de suas atribuições “*Auxiliar a organização dos educandos em agremiações e oportunizar encontros dos representantes do Conselho do(escola) com seus pares, assegurando-lhes o direito de se organizarem livremente para propiciar a autonomia dos educandos neste processo.*”

No entanto, ao se referirem aos educandos como segmento escolar, no PPP, não explicitavam este direito. Acabei não me dando conta de que, também, inexistiam atribuições para o Grêmio estudantil no PPP, compreendendo a razão somente com a iniciativa de sua criação, já em fim de semestre, quando retomei sua leitura. Na ocasião, uma breve citação de Freire chama minha atenção na leitura dos “Princípios de Convivência”:

“Sem autoridade, é muito difícil modelar a liberdade [...] a autoridade tem seu fundamento na liberdade dos outros [...]”. Sem indicação de data, busquei o texto completo e o encontrei na obra “Medo e Ousadia: o cotidiano do professor”, de Freire em parceria com Ira Schor (1987), cujo capítulo inicia com as perguntas: *Existe estrutura e rigor na educação libertadora? As classes dialógicas tornam iguais professores e alunos?* A citação completa refere (grifo meu para distinguir a mudança de sentido):

[...] a questão não é que o professor deva ter cada vez menos autoridade. Para mim, o importante é que o professor democrático nunca, realmente nunca, transforme a autoridade em autoritarismo. Ele nunca poderá deixar de ser uma autoridade, ou de ter autoridade. **Sem autoridade é muito difícil modelar a liberdade** dos estudantes. A liberdade precisa de autoridade para se tornar livre. (Rindo) É um paradoxo, mas é verdade. A questão para mim, no entanto, é que **seu fundamento está na liberdade dos outros**; e se a autoridade nega essa liberdade e corta essa relação que a embasa, então creio que já não é mais autoridade e se torna autoritarismo. (FREIRE, p.115, 1987).

A *Avaliação da gestão escolar e a manifestação discente* são formalizadas e colocadas à disposição para a comunidade escolar. As mobilizações sociais (reforma do ensino médio, PEC 55), eleição de direção e de prefeitura são acontecimentos do contexto pertinentes à formação do grêmio estudantil que

permitem um desenvolvimento prévio de proposições para a investigação de sua criação. Por essa razão a escolha do *estudo de caso*: porque “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o real não estão claramente definidos” (YIN, 2005, p.32).

Cellard (2008) apud Sá-Silva (2009) et al diz que “Uma pessoa que deseja empreender uma pesquisa documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse.”

Assim, o *Diário de Classe*, como documento, me auxilia na contextualização da escola e no ordenamento de questões. Para organizar um capítulo na pesquisa, coloco o foco nos “*Princípios de Convivência*” contidos no PPP, porque nele são expressos os princípios dialógicos de Freire, porém este encerra uma série de sanções para quem não cumpre certas normas comportamentais, de convivência e, também justifico pela surpresa ao saber que não havia organização estudantil (inexistência do grêmio) numa escola democrática, com tal histórico e responsabilidade na formação de consciências críticas, que se reconheçam cidadãos, valorize a construção de relações de respeito, ligado ao processo de identidade. A oportunidade de se identificar com o lugar discente, nestas condições, lhes preparam para a vida, respeita a autonomia. Este capítulo também agrega a *Avaliação da gestão* e contribuiu com subsídios para tópicos guias nas entrevistas.

Após leitura mais detalhada do PPP, me indaguei se a professora que os orientava no processo de formação do Grêmio seria a docente titular da turma ou a responsável pelo SOE e a suspeita sobre a pressão dos fatos sociais ocorridos naquele momento, como motivação é reforçada, na medida em que havia uma atribuição para o SOE e havia, até então, ausência de interesse, talvez, dos educandos. Mas, por quê? Teria as normas de convivência efeito sobre essa imobilidade?

A partir destas considerações, *Diário de Classe*, PPP e *Avaliação da gestão* escolar pelos discentes como fontes primárias de busca de dados, o trabalho de campo com entrevistas semi-estruturadas com 1. a responsável pelo SOE; 2. Com os integrantes do Grêmio estudantil, em conjunto, a *análise de conteúdo* de suas falas agregaram novos subsídios. Embora o grêmio não se caracterize, exatamente,

como um grupo focal, por se tratar de um grupo de respondentes com atribuição única, uma referência de Bauer e Gaskell (2005) me fez refletir sobre as vantagens de observar outros fatores como grupo. Às considerei especialmente ligadas às abordagens de Durkheim quando refere a uma consciência “sui gêneris” atuando em grupos sociais. Neste caso, reunidos para determinado fim:

O objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. É uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade, um exemplo da unidade social mínima em operação e, como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciadas pela natureza do grupo em vez de se fundamentarem na perspectiva individual, como no caso da entrevista em profundidade. [...] Em sua essência, a pesquisa mostra que o grupo, distinto de determinado número de pessoas em um mesmo local, é mais do que a soma das partes: ele se torna uma entidade em si mesma. Ocorrem processos dentro dos grupos que não são vistos na interação diádica da entrevista em profundidade. A emergência do grupo caminha lado a lado com o desenvolvimento de uma identidade compartilhada, esse sentido de um destino comum presente quando dizemos “nós”. Um grupo pode se subdividir em facções que confrontam seus pontos de vista e opiniões. A interação do grupo pode gerar emoção, humor, espontaneidade e intuições criativas. As pessoas nos grupos estão mais propensas a acolher novas ideias e explorar suas implicações. Descobriu-se que os grupos assumem riscos maiores e mostram uma polarização de atitudes – um movimento para posições mais extremadas (BAUER e GASKELL, 2005, p. 75-76).

Embora a docente que orientou a organização do grêmio não fosse a responsável pelo SOE, julguei não ser necessário entrevistá-la, haja vista que esta relatou, em encontro para agendamento de entrevista, que a última tentativa de apoio à formação de grêmio realizada pelo setor foi no ano 2000. As entrevistas foram realizadas na escola, gravadas e transcritas (em anexo). Para auxiliar no processo de análise das entrevistas consultei FRANCO que refere “*as mensagens como carregadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis*” (p. 13) e acrescenta,

[...] a Análise de Conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação. (FRANCO, 2003, p.14)

Apesar das entrevistas não seguirem o roteiro planejado, devido a sua dinâmica, mantenho as proposições elaboradas;

2.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA:

1. Como aconteceram as primeiras iniciativas de organização do Grêmio e como a mobilização se fortaleceu?
2. Como a escola apoiou a divulgação para que outros estudantes participassem do processo?
3. Que lembranças ocorrem sobre os acontecimentos vivenciados pela escola neste período que poderiam ter auxiliado para o encadeamento das proposições do grupo?
4. Como a formação do Grêmio pode auxiliar nas reivindicações dos estudantes?
5. Quais eram os caminhos disponíveis quando não havia a associação deste segmento escolar como agremiação?
6. Sabem algo sobre a história dos primeiros Grêmios estudantis?
7. Foram as pessoas que se agregaram a ideia que escolheram os representantes?
8. O que este tipo de liderança representa para cada um?
9. Alguma razão para que o segmento estudantil nunca tenha se organizado?
10. O que é o Grêmio para ti?
11. O que significa o Grêmio para a escola? Principais vantagens? Por quê?
12. Você colaborou na construção do Estatuto do Grêmio?
13. Como os professores veem o Grêmio?
14. Quais as expectativas de vocês em relação ao Grêmio?
15. Quais suas principais pautas?
16. Quais as aprendizagens que ficam desta participação?
17. De que modo ocorre a divulgação de suas atividades?
18. Como seus colegas recebem as atividades do Grêmio?
19. Como o período de gestão é de seis meses, prorrogado por mais seis, caso vocês se mantenham na escola, como pensam o engajamento de outros colegas, durante a gestão de vocês, para que a nova gestão assuma tarefas em andamento?
20. Qual o tempo e o lugar que dispõem para se organizarem?
21. De que forma fazem a divulgação de atividades?

3 AUTOPOIESE: autocriação e aprendizagem de si

Este capítulo articula as concepções teóricas que me auxiliaram a compreender *indivíduo e meio* como sistemas autônomos que através do recurso da linguagem, transcendem cada qual seu espaço íntimo para projetar um mundo. Esse pode ser descrito de forma semântica por um observador como um comportamento para que possamos entender o modo como estes sistemas se afetam mutuamente. O objetivo é entender o processo autônomo do ser e reafirmar a importância do diálogo para o autoconhecimento e, a partir destas reflexões, analisar as entrevistas com o foco em conceitos como autonomia e liberdade para conceber o processo de aprendizagem cidadã, de identidade discente e a participação docente nestes processos.

Assim, diante da retrospectiva de vida e de estágio feita nos capítulos anteriores, verifico que *educação* é para mim um valor, em hierarquia de necessidade para a existência digna. No mapa, por exemplo, o processo é visualizado para obtê-la como resultado, dando importância ao desempenho responsável dos envolvidos na dinâmica pensada, naquele momento, nada tendo a ver com o que está posto na sociedade, onde não passa de subsistema submetido à vida social, tendo causa que ainda não compreendemos, porque a vida social não é uma extensão de mim como pessoa, ou seja, do que penso sobre ela ou desejo como ideal, mas a vida social reflete a qualidade da educação pelo modo como esta se apresenta na sociedade. Para Durkheim (1985)

[...] a sociedade não é simples soma de indivíduos, e sim sistema formado pela sua associação, que representa uma realidade específica com seus caracteres próprios. Sem dúvida, nada se pode produzir de coletivo se consciências particulares não existissem; mas esta condição necessária não é suficiente. É preciso ainda que estas consciências estejam associadas, combinadas, e combinadas de determinada maneira; é desta combinação que resulta a vida social e, por conseguinte é esta combinação que a explica. Agregando-se, penetrando-se, fundindo-se, as almas individuais dão nascimento a um ser, psíquico se quisermos, mas que constitui individualidade psíquica de novo gênero. (DURKHEIM, 1985, p.90)

Porém, mesmo distinguindo a psique individual da psique coletiva (“*sui generis*”, como refere (p.97) e desconsiderando a sociedade como extensão do indivíduo, Durkheim a tem como natural; enquanto Rousseau (1762), no Contrato

Social afirma que o homem rompe com o seu estado de natureza (onde ele não está associado) ao ingressar na sociedade, mas o Pacto social faz da sociedade sua extensão. Para ele o indivíduo só abre mão de sua liberdade em função do bem comum, porque renunciá-la é negar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade. Para ele a família serve como primeiro modelo de sociedade política e mais próxima do modelo natural de sociedade. No ambiente escolar toda essa diversidade que deveria ser vista como riqueza para *o conhecer no processo adaptativo, as vezes, acaba sendo percebida como relações de conflito pelas administrações que, como observadores, descrevem e estabelecem padrões de comportamento e sanções para o que julgam indisciplina.*

A análise de Durkheim é análoga às concepções de Maturana e Varela (2010) na biologia, concebendo a sociedade como um sistema autônomo, tanto quanto o homem, autopoietico pelos biólogos. Além de suas considerações sobre o objeto de cada ciência – os *atos sociais* e o *fenômeno da vida*, respectivamente – destacam a autonomia de cada sistema - *a psique coletiva da sociedade*, materializada nos fatos sociais e a *consciência individual no homem (reflexiva)*, observando o fenômeno social e o biológico em suas interações internas de interdependência (autopoiese) e em suas relações externas, como sistemas diferenciados, mas cada vez mais complexos devido aos processos adaptativos em ambos (autopoieticos). Maturana e Varela referem que quando investigamos de perto como conhecemos o mundo descobrimos que “não podemos separar nossa história das ações – biológicas e sociais – a partir das quais ele aparece para nós” (p.28) e por isso “Não há descontinuidade entre o social, o humano e suas raízes biológicas” (p.33). Acrescentam:

Organismo e meio variam de modo independente; os organismos variam em cada etapa reprodutiva e o meio segundo uma dinâmica diferente. Do encontro dessas duas variações surgirão a estabilização e a diversificação fenotípicas, como resultado do mesmo processo de conservação da adaptação e da autopoiese, a depender dos momentos desse encontro: estabilização, quando o meio muda lentamente; diversificação e extensão quando ele o faz de modo abrupto(p.125). [...] trata-se de deriva filogenéticas nas quais se conserva a organização e a adaptação dos organismos que compõem as linhagens enquanto elas existem. Além disso, não são as variações do meio, vistas pelo observador, que determinam a trajetória evolutiva das diferentes linhagens. É o curso que segue a conservação do acoplamento estrutural dos organismos em seu próprio meio (nicho), que eles definem e cujas variações podem passar inadvertidas a um

observador. Quem pode observar as tênues variações das forças dos ventos? (p.128) [...] a evolução é uma deriva natural, produto da invariância da autopoiese e da adaptação.(p.131) (MATURANA e VARELA, 2010)

Freire (2005), em *Pedagogia da Autonomia*, diz que,

[...] “O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialogicamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências.(FREIRE, 2005, p. 74-75)

Reforça que a educação é política porque não há unanimidade tanto na forma de enfrentar a educabilidade do homem quanto no modo de conduzir as dificuldades do caminho: “*Para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas com relação aos modos de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a ser encarnados*” (FREIRE, 2005, p.108). Seria preciso, segundo ele, que “*o mundo em que ela se desse não fosse humano*” (p.109) para que ela fosse neutra. Significa que, num mundo dual, os conflitos de valores estão sempre em disputa, entre o *poder* dominante e as *forças* de oposição.

A distinção que Durkheim faz entre o indivíduo e a sociedade para estabelecer os princípios da sociologia como ciência leva a pensar o sujeito no “tempo”, efêmero, herdeiro de uma sociedade constituída num “espaço/tempo” muito mais complexa do que o homem, em si, porque guarda os arquivos políticos/históricos/culturais daquilo que se pretende como projeto de humanidade. *Será que se pretende? Para ele, os estados da consciência particular resultam da natureza orgânico/psíquico* de cada um, portanto da natureza da espécie, e diferem dos estados da consciência coletiva que decorrem das relações de uma pluralidade de indivíduos, considerados *tipos sociais*, dentro de sua *espécie social*⁴. Então, as

4. Trata-se de método que consiste em classificar as sociedades a partir do estado, fase, em que se encontra seus membros: agrícola, artesanal, comercial, manufatureira, industrial, científica, artística. Para o sociólogo “existem espécies sociais pela mesma razão que existem espécies em biologia” (Durkheim, 1985, p.75). Cada organismo gera, através de uma força interna que os fixa à espécie, uma variedade de combinações de uma mesma unidade anatômica. O tipo específico social, desta forma, não é tão definido como em biologia, mas, refere “Sob esta ótica as sociedades não passam de combinações de uma única e mesma sociedade original. Quando a espécie social não ocorre, se dirá que tem um único indivíduo, tipo social, que a representa. (Durkheim, 1985, p. 74)

teorias psicológicas não poderiam servir para o raciocínio sociológico na busca da causa do fato social,

Uma vez que sua característica essencial consiste em poder exercer, do exterior, uma pressão sobre as consciências individuais, disto se conclui que não decorrem de tais consciências [...] mostra que exprimem uma natureza diferente da nossa, uma vez que só penetram em nós pela força ou, pelo menos, pesando sobre nós com maior ou menor vigor. (DURKHEIM, 1985. p.88)

Marx (apud Paviani, 1987, p. 45) escreve:

Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; estas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o progresso de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, é a realidade que determina sua consciência (São Paulo, Abril Cultural, 1974, p 111).

Considerando a proposição de que a realidade se impõe ao indivíduo como uma construção coletiva do passado e que a própria educação estaria submetida a essa condição, por outro lado, penso que, *a causa do fato social*, como coisa, acontecimento imaterial, externa a nós, ação coercitiva que se impõe às nossas forças, causa em nós uma emoção, afetação que poderia nos dar respostas para as *condutas e valores* que conduzem a existência coletiva, e para o quê estamos causando a nossos descendentes quando *não tomamos consciência*, no presente, de nossas omissões sociais e políticas, vivendo como se o mundo lá fora fosse apenas objeto de nossos desejos, alheio as necessidades da coletividade, dos valores circundantes, sem nos *identificarmos* com o ser interno que constitui cada membro da sociedade, meu semelhante enquanto humano.

Durkheim considera que a afetação da pessoa a estas forças, o modo como reage a elas, sentindo ou pensando socialmente a ação destas, que a subjuga (psicologicamente), não poderia, no entanto, explicar o próprio fenômeno social, e analisa:

É verdade que somos capazes de nos constringer a nós mesmos; podemos conter nossas tendências, nossos hábitos, e até nossos instintos, fazendo-os parar em seu desenvolvimento por meio de um ato de inibição. Mas, os movimentos de inibição

não poderiam ser confundidos com os que constituem a coerção social. (DURKHEIM, 1985, p 89)

Neste sentido, o movimento interno de inibição, a partir da autonomia do ser, autorregulação, elaborada na consciência individual, é o meio utilizado pela coerção social para a produção de efeitos psíquicos no sujeito. Há *um cerceamento da liberdade de expressão*, pelo sentimento de autopreservação. Quando refere às regras relativas à explicação dos fatos sociais recomenda tratá-los como “coisa” no espaço coletivo (padrões culturais), sem considerá-los a partir de sua utilidade (função), destacando que o fato social são modos de agir, pensar e sentir externos a pessoa, os quais lhe impõem um poder coercitivo, promove uma reação diante da força constitutiva do acontecimento (consciência mais complexa que a do indivíduo),

[...] é uma força que domina a nossa, possuindo uma natureza que lhe é própria, não seria suficiente ter apenas o desejo ou vontade para suscitá-lo. Para isto, é preciso que forças capazes de criar esta força determinada, que naturezas capazes de produzir esta natureza especial, sejam dadas. (p. 79)

São fatos sociais: regras jurídicas, normas morais, dogmas religiosos, sistemas financeiros, maneiras de agir, costumes, etc. Um regulamento normativo escolar como os princípios de convivência e suas sanções também se enquadram e sob esse aspecto não podemos considerá-lo, então, como útil para o bom convívio, numa consideração psicológica de sua utilidade e, sim, tomar consciência de que é um **instrumento de controle**, causa de sua existência. Fenômenos naturais, orgânicos ou psíquicos são outras espécies de fatos.

Existe no esforço de Durkheim muita clareza de argumentos que fizeram eu me dar conta de que o fato social como “coisa” (substantiva) é uma regra que se materializou a partir de um *pensamento coletivo que julga (juízo)*, e cobra de forma *coercitiva* - evita ou impõe um movimento (reação do sujeito ou da coletividade), afirmando ou negando algo na vida social. Isto estabelece um dinamismo em conexão com o pensamento humano. Ao mesmo tempo, *se analiso o modo como reajo a esta ação externa*, aprendo de mim. O homem está num meio de aprendizagens, para além da escola, podendo aprimorar suas estruturas internas, atender as demandas sociais e ao mesmo tempo compreender o que está posto politicamente. A questão que se põe é o despertar da *consciência no homem* e o “acontecimento” pode ser o campo de sua batalha íntima. Como enfrento o *agora*, presente na minha existência? Suas ideias me trouxeram questionamentos sobre a

autonomia na espécie humana e que sentido tem a liberdade, principalmente quando me deparei com a frase de Freire referindo-se a educação como uma especificidade humana: **“Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”** (FREIRE, 2015, p.96). É enorme a responsabilidade de uma educação que tenta cercear as diversas formas de expressão de um educando, principalmente quando isso se impõe sobre ameaças ou instigando medos ou repressões (a linguagem pode ser legisladora). O ambiente escolar pode se tornar esse campo de batalha quando a própria natureza autopoietica do indivíduo não se submete a esses comandos e o processo adaptativo, gerando comportamentos tidos como inadequados os situam dentro de um rol de representações que os distinguem entre os seus e ignoram as relações que precisam se constituir para a formação cidadã. Outra expressão sua *“A leitura de mundo precede a palavra”* (A importância do ato de ler, 1996), coloca o homem em seu devido lugar no “espaço” gerado, no “suporte”, como refere em *Pedagogia da Autonomia* (2015, p. 50). A biologia explica a sua autonomia na autocriação pelo conceito de autopoiese. Ao observar este processo, me indago: Sendo o mundo mais complexo que o homem, qual a causa que nos move? Sair de nós mesmos é um apelo que está *fora, no suporte*, no meio. É provocativo, na medida em que nossos sentidos e o pensamento nos dão recursos de perceber esta esfera externa – a sociedade, o mundo. Se a capacidade mental, o sistema nervoso, nos diferencia dos demais animais, o ambiente nos instigou as primeiras emoções para percebê-lo. Foi na condição de homem, pelos sentidos e raciocínio que demos significados, construindo representações. A palavra, a linguagem, materializa a sociedade.

Porém, se a Terra é um sistema mais complexo que a sociedade – psique coletiva, também mais complexa que o indivíduo – haja vista que se adapta em seus reinos, mineral, vegetal e animal, e na própria humanidade, o que significa nos libertarmos do campo dos *sentimentos* e ingressarmos no desenvolvimento *mental* através da ação de pensar o mundo? *Seria esta a causa da educação?* O mundo. Então esta causa não estaria no homem, para a qual este seria objeto: educar nossos instintos, sentimentos, nossa natureza animal e penetrarmos em novo reino, ou não... Projeto para este mundo ou para fora do tempo/espaço? O que irá nos diferenciar deste homem de hoje, gregário e tão egoísta? A sociedade é nosso campo de ensaio: erros e acertos, duas faces da mesma moeda. Pouco importa!

Desde que se aprenda sobre o que nos divide... Será o conhecimento este divisor? Estamos num laboratório de experiências sobre acontecimentos. Não nos vemos na diversidade de nossa espécie. Ainda não nos vemos nos companheiros de trajetória, no agora, tão pouco concebemos a qualidade do humano diante do que a história nos apresenta como o despertar da consciência. O homem vê toda a sua diversidade cultural, política e histórica como o diferente. Não se libertou de si mesmo sendo a diferença.

A convivência em espaço de liberdade para extinção de instintos primários é o recurso de correção – verificação de regras em parceria – que viabiliza, no esforço individual, controlar o temperamento que determina reações afetivas, de atenção e motoras em diferentes circunstâncias. O temperamento é argila pessoal – autorregulação, autonomia – para a autoeducação e, ao mesmo tempo, formata a interação com o ambiente, assim como interfere na forma como o outro reage. Freire (2015), em *Pedagogia da Autonomia*, destaca:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas. (FREIRE, 2015, p.44-45)

Quando um ser não se impõe sobre o outro com regras fixas, o diálogo abre um espaço de liberdade para mútuas aprendizagens *na dinâmica da vida que acontece*, percebendo as peculiaridades do momento, construindo, não a autonomia (determinada pela nossa biologia), mas o significado de *respeito*, este sim, é um processo de aprendizagem para aquisição do autoconhecimento, possível de alcançar o outro: à medida que me reconheço no outro lhe ofereço aquilo que julgo um valor em mim. Aprendendo na convivência, aprendo o respeito, porque ensino **pelo que estou**.

[...] O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não “espaço” vazio a ser enchido por conteúdos. A invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida, a “espiritualização” do mundo, a possibilidade de embelezar como de enfeiar o mundo, e tudo isso inscreveria mulheres e homens

como seres éticos. Capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixeza e de indignidade. Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética. (FREIRE, 2015, p. 51) [...] A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. [...] É neste sentido que para mulheres e homens estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros.” (FREIRE, 2015, p.57)

Então, se a preservação da autopoiese (filogenia) e o ajuste de um ser ao seu ambiente (ontogenia) são *condições sistêmicas para a vida* (nota de rodapé 1) e desta relação nenhum agente externo é responsável por modificação que não sejam determinadas pela própria estrutura do organismo, significa que o princípio da sabedoria está dentro, não fora do indivíduo, conhecer não lhe acrescenta nada do que já não possa saber, mas para despertar o saber tem que perguntar a si mesmo sobre o que está representado fora, no entorno de um sistema mais complexo que o perturba a todo instante: nas relações sociais, pela reflexão.

Mas, Maturana e Varela (2010) perguntam: *Que relação existe entre o nosso ser orgânico e o nosso comportamento?* Ao mesmo tempo em que existe um determinismo imposto pela maneira como está organizada a nossa estrutura biológica e as mudanças estruturais que ocorrem a nível interno, são sempre de acordo com o *presente* estrutural (guardada as diferenças e possibilidades de cada um) e, nem mesmo a existência de um sistema nervoso modifica isso, pois ele integra essa organização, os autores sustentam que, nem por isso, existe *previsibilidade* porque nossa experiência é de *liberdade criativa, justamente pela condição determinada, autopoietica*. O sistema nervoso, como parte de outros sistemas no organismo que funcionam de forma interdependentes, amplia o domínio de estados possíveis do organismo pela sua plasticidade, mas não funciona como sistema de representação de mundo, embora esta seja a crença atual equivocada (o organismo obteria informações do meio que a seguir utilizaria para produção de um comportamento):

Portanto, a estrutura do meio não pode especificar suas mudanças, mas sim apenas desencadeá-las. Na condição de observadores, temos acesso tanto ao sistema nervoso quanto à estrutura do meio em que ele está. Por isso podemos descrever a conduta do organismo como se ela surgisse do funcionamento de seu sistema nervoso via representações do meio, ou como expressão de alguma

intencionalidade na busca de uma meta. Mas essas descrições não refletem o funcionamento do sistema nervoso em si: tem apenas um caráter de utilidade comunicativa para nós, observadores, e não um valor explicativo científico (MATURANA e VARELA, 2010, p.147).

Para compreender melhor o fenômeno da autopoiese que deve ser avaliado como um ato cognitivo e reflexivo pelo processo adaptativo (acoplamento estrutural), daquilo que nos parece um comportamento - os autores nos propõem a figura de *um observador* que vê o indivíduo funcionando em diferentes domínios (em si e com o meio), dependendo das distinções que faz destas posições: no âmbito de seus *estados internos* e modificações estruturais e para o qual o ambiente é irrelevante; e segundo suas *interações com o meio*, descrevendo a história destas inter-relações (como uma descrição semântica, das características do meio e o comportamento do indivíduo e, neste caso, a dinâmica interna do indivíduo não interessaria para o observador). Esta condição faz do observador o agente que estabelece as relações a partir de sua perspectiva externa. Indivíduo e meio são autopoéticos. Em princípio, dizem os autores, *“todo comportamento é uma visão externa da dança de relações internas do organismo”* (p.185) e *“todo processo de conhecer está necessariamente baseado no organismo como unidade no fechamento operacional de seu sistema. Daí se segue que todo conhecer é fazer, como correlações sensório-efetoras nos domínios de acoplamento estrutural em que existe o sistema nervoso”* (p.185). Os autores explicam:

O que chamamos de comportamento, ao observar as mudanças de estado de um organismo em seu meio, corresponde à descrição que fazemos dos movimentos do organismo num ambiente que assinalamos. A conduta não é alguma coisa que o ser vivo **faz** em si, pois nele só ocorrem mudanças estruturais internas, e não algo assinalado por nós. Na medida em que as mudanças de estado de um organismo (com ou sem sistema nervoso) dependem de sua estrutura – e esta de sua história de acoplamento estrutural -, essas mudanças de estado do organismo em seu meio serão necessariamente congruentes ou comensuráveis com ele, qualquer que sejam as condutas e os ambientes que descrevemos. Por isso, o comportamento ou configuração específica de movimentos, parecerá ou não adequado a depender do ambiente em que o descrevemos. O êxito ou o fracasso de uma conduta são sempre definidos pelo âmbito de expectativas especificadas pelo observador. (MATURANA e VARELA, 2010, p.153-154).

Quando tentamos compreender o significado de um ato cognitivo, qual o critério que utilizamos para dizer que alguém tem conhecimento, o que buscamos é **“uma ação efetiva do indivíduo no domínio no qual se espera uma resposta”**

(p.193), ou seja, esperamos efetivamente um comportamento do ser, seu movimento, sua ação no contexto que assinalamos ao fazer a pergunta e,

[...] a avaliação de que se há ou não conhecimento ocorre sempre num contexto relacional, no qual as mudanças estruturais que as perturbações desencadeiam num organismo aparecem para o observador como um efeito sobre o ambiente. É em relação ao efeito esperado por ele que o observador avalia as mudanças estruturais que são desencadeadas no organismo. Sob este ponto de vista toda a interação de um organismo, toda a conduta observada, **pode** ser avaliada por um observador como um ato cognitivo. Da mesma maneira, o fato de viver – de conservar ininterruptamente o acoplamento estrutural como ser vivo – corresponde a conhecer no âmbito do existir. De modo aforístico: viver é conhecer (viver é ação efetiva no existir como ser vivo). (MATURANA e VARELA, 2010.p 193).

Em “Humano, demasiado Humano” Nietzsche (2005, p.38) escreve: *“O erro acerca da vida é necessário à vida. -Toda crença no valor e na dignidade da vida se baseia num pensar inexato; é possível apenas porque a empatia com a vida e o sofrimento universais da humanidade é pouco desenvolvida no indivíduo”*.

Com esta afirmação o autor se refere aos homens altruístas cujo agir se volta para a evolução do mundo e, também àqueles que, vendo os homens, neles só admite um gênero de impulsos menos egoístas e aos demais desculpa e não os julgam: estes compreendem **o valor da vida** em detrimento **do valor da existência**, enquanto a maioria dos homens, afirmando a si mesmos, considerando-se mais importantes que o mundo no seu cotidiano, sem empatia pelo outro, sem ocupar-se com o destino da humanidade somente vê o valor da sua própria existência. Por esperarem alguma coisa da humanidade, os primeiros, diz Nietzsche, incorrem em erro por inexatidão no pensar, porém, dar valor a existência preserva o indivíduo para as finalidades da vida. Mas o homem que conhece o valor da vida, de um sistema muito mais complexo do que nosso egocentrismo

[...] se conseguisse apreender e sentir a consciência total da humanidade, sucumbiria, amaldiçoando a existência, - pois no conjunto a humanidade não tem objetivo nenhum, e por isso, considerando todo o seu percurso, o homem não pode nela encontrar consolo e apoio, mas sim desespero. Se ele vê, em tudo o que faz, a falta de objetivo último dos homens, seu próprio agir assume a seus olhos caráter de desperdício. Mas, sentir-se *desperdiçado* enquanto humanidade (e não apenas enquanto indivíduo), tal como vemos um broto desperdiçado pela natureza, é um sentimento acima de todos os sentimentos. – Mas quem é capaz dele? Claro que apenas um poeta: e os poetas sempre sabem se consolar. (NIETZSCHE, 2005, p. 39)

Este é um homem consciente e, então, o filósofo pergunta se *é possível permanecer conscientemente na inverdade* e aponta que o temperamento de um indivíduo poderá dar outro sentido para o conhecimento acumulado no mundo através de uma vida mais simples e mais pura de paixões de modo que, diz ele,

[...] inicialmente os velhos motivos do cobiçar violento ainda teriam força, em consequência do velho costume herdado, mas aos poucos se tornariam mais fracos, sob a influência do conhecimento purificador. Afinal se viveria entre os homens e consigo, tal como na natureza, sem louvor, censura ou exaltação, deleitando-se com muitas coisas, como um espetáculo do qual até então se tinha apenas medo. Estaríamos livres da ênfase e, e não mais seríamos agrilhoados pelo pensamento de ser apenas natureza ou mais que natureza (Nietzsche, 2005, p. 39-40).

4 DA INEXISTÊNCIA À EXISTÊNCIA DO GRÊMIO: o sentido da formação

O público alvo da escola são jovens e adultos, enquanto classe social, abrangendo desempregados, subempregados, aposentados e filhos destes (PPP escolar), disponibilizando a educação fundamental na modalidade EJA (alfabetização, ensino fundamental, e Programa de Trabalho Educativo – PTE), articulados à educação ao longo da vida. Por esse motivo o currículo se intitula “Educação Permanente ao longo da vida”. Está fundamentado na organização de conceitos, na inclusão e na avaliação emancipatória. A concepção filosófica se baseia em princípios freirianos: formação da **cidadania** (cultura, sentido amplo de educação (espaços escolares e não escolares), informação, reflexão, voz, ler e reescrever o mundo, gestão democrática onde a escola, como instituição pública, é de todos, não só propriedade do governo ou da gestão que à administra); **transformação da realidade** (direito de ser diferente, compreender a diversidade dentro da diferença, desnaturalização da competição, da exclusão e incentivo a participação); **autonomia** moral e intelectual (o respeito à diferença se vincula às relações afetivas, sociais e morais que se constituem na convivência, com relações de reciprocidade e cooperação, capaz de formar pessoas moralmente autônomas, com opinião própria, capazes de considerar ponto de vista alheio, emancipadas); **educação como direito de todos** (educar e educar-se na mobilização, organização, formação e politização de todos os envolvidos no processo de aprendizagem para intervenção e transformação da realidade pela capacidade reflexiva sobre o contexto social.

4.1 PRINCÍPIOS DE CONVIVÊNCIA NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Antes de introduzir os “Princípios de Convivência” (PPP,p.16) e reafirmando a reflexão na ação, e o conhecimento relacionado às dimensões do aprender a *conhecer, a fazer e criar, a criar, a sentir e a ser*, que acontece no diálogo, o PPP da escola (p.13) cita, novamente, Freire (sem indicar fonte):

[...] a educação é permanente na medida mesma em que os seres humanos, enquanto seres históricos e com o mundo, são seres inacabados e conscientes de seu inacabamento, na medida em que se movem numa realidade igualmente inacabada, contraditória e

dinâmica, realidade que não é para ser, mas que tem que estar sendo”.

Neste sentido, a citação evidencia ambiente, tempo de cada um, processo diferenciado, dinâmica, relações, movimento, ou seja, inacabamento que exercita “o conhecer” na liberdade do processo, durante a dinâmica das relações que possibilita o autoconhecimento, identificação de seu lugar, o lugar do outro, os compromissos recíprocos, com a sociedade, a espécie e com o mundo. Mas, para justificar a necessidade da criação destas regras de convivência dentro da escola, diante de tanta abertura para a autonomia, ou seja, *o direito de “ser” durante a convivência*, o PPP arroga parte de duas falas de Freire com Schor em **Medo e Ousadia**: a primeira citei na metodologia desta pesquisa, e a segunda, ressalta que **“A educação libertadora não é uma pedagogia permissiva e sem direção”** e indica (FREIRE e SHOR, 1986, p.100). Nesta passagem, Freire refere-se ao **rigor da educação libertadora**, enquanto capacidade crítica, não à necessidade de criação de regras que impeçam a liberdade de expressão, ou de penalidades para quem não às cumpre, além do mais se dirige aos docentes, não aos educandos.

Schor e Freire (1987) estabelecem um diálogo através do livro, a partir de questionamentos sobre a educação libertadora, começando pelos problemas e pelos dados amplamente reconhecidos e fundamentados na realidade aflitiva da docência nos EUA, em 1980. Schor diz que *“as escolas estão montadas como sistemas de distribuição para comercializar as ideias oficiais e não para desenvolver o pensamento crítico.”* Isto angustia alguns professores e tornam outros negligentes em suas responsabilidades pedagógicas, daí o uso da expressão: *“A educação libertadora não é uma pedagogia permissiva e sem direção”*(p.19). Menciona a mediocridade estudantil, desleixo das escolas, problemas de desempenho, **de motivação**, comenta seu esforço em aprender sobre as condições de vida dos estudantes para compreender sua linguagem e o grau de alienação que trazem para o estudo crítico, por isso sua inquietação para entender, nas diferentes realidades, Brasil e EUA, como ocorre o rigor (crítica) para que ocorra a transformação da realidade na proposta libertadora, relatando:

Os anos experimentais da década de 60 frequentemente deram origem a uma classe permissiva e desestruturada, à guisa de uma nova educação “libertadora”. Essa imagem de licenciabilidade, ao invés de ponderada liberdade, permitiu que elitistas e conservadores

julgassem que criatividade, experimentação e ruptura com a tradição significavam ausência de seriedade e rigor.(FREIRE e SHOR, 1987, p.100)

Freire está se referindo a postura de licenciosidade do professor em relação ao seu próprio desempenho porque o currículo nos EUA não flexibilizava o alcance dos interesses estudantis e a “cultura do silêncio”, imposição do ensino passivo, gerava a visível agressão dos estudantes em resposta a ele, uma tolerância passiva à normatização, controle. Então, ainda em relação ao docente, que simula uma prática democrática, diz:

O conhecimento exige disciplina! [...] Um educador irresponsável, que fala como se sua prática fosse dialógica, trabalha contra um tipo de educação revolucionária. Uma segunda consequência, tão ruim quanto essa primeira, é que o comportamento irresponsável, *autodenominado de dialógico*, convence os educadores autoritários *de que eles próprios devem ser autoritários*.(p.101) [...] é muito difícil demonstrar qualquer coisa a nossos inimigos, porque eles estão completamente inseridos em sua própria compreensão de rigor. Por exemplo, para eles, uma das conotações de rigor é nunca tentar interpretar a realidade. Segundo a forma tradicional de ensino, a realidade não está aí para ser interpretada ou mudada, mas para ser descrita, observada. (FREIRE e SHOR, 1987, p.103).

Portanto, a referência de Freire à **rigor** não tem conotação de autoritarismo na dinâmica escolar como ocorria no ensino tradicional quando a estrutura educacional mecânica desencorajava tanto professores quanto educandos de se recriarem, a si mesmo e à sociedade, e enfatiza: *“O rigor vive com a liberdade, precisa de liberdade. Não posso entender como é possível ser rigoroso sem ser criativo. Para mim é muito difícil ser criativo se não existe liberdade. Sem liberdade, só posso repetir o que me é dito”*.(p.98)

Então Schor faz o seguinte relato:

A agressão é inevitável, porque a passividade não é uma condição natural da infância ou da maturidade. Existem uma violência simbólica na escola e na sociedade, que impõe o silêncio dos alunos. Simbólica, por ser a própria ordem das coisas, e não um castigo físico ou de fato: um meio ambiente pleno de regras, currículos, testes, punições, requisitos, correções, recuperações e inglês-padrão, que designam as autoridades como responsáveis. Esse meio é simbolicamente violento, porque se baseia na manipulação – declarando-se democrático, enquanto que, de fato, constrói e reproduz as desigualdades da sociedade. [...] A desigualdade é apresentada como natural, justa e até conquistada, dadas as diferentes “aptidões” e os “resultados” dos diversos grupos.. As vantagens da elite ocultam-se por detrás do mito das “oportunidades iguais” [...]p.151, Ira: Muitos alunos que sabem

como sabotar o currículo não são capazes de mudar a educação em favor de sua própria liberdade construtiva. Suas aptidões são francamente negativas. Eles não sabem como fazer exigências organizadas de mudança. (FREIRE e SCHOR, 1987, 149-151).

A partir deste diálogo é possível perceber o sentimento de opressão em diferentes realidades e Freire diz que *“Só as condições sociais podem explicar as reações dos estudantes em sala de aula e para mudar essas condições é preciso mais que uma pedagogia democrática”*, portanto:

[...] Se fosse possível mudar a realidade simplesmente através de nosso testemunho ou de nosso exemplo, teríamos de pensar que a realidade é mudada dentro de nossa consciência. [...] Mudar as condições concretas da totalidade significa uma prática política extraordinária, que exige mobilização, organização do povo, programas, essas coisas todas que não estão organizadas só dentro das escolas, que não podem ser organizadas só dentro de uma sala de aula ou de uma escola. (FREIRE e SHOR, 1987, p.162)

Para exemplificar seus argumentos de que a educação não é alavanca da transformação social relata seu choque de realidade após o Golpe de 1964, quando compartilhava com os estudantes o sentimento de otimismo e de esperança que os mobilizavam para as lutas sociais, confiante nas possibilidades de transformação neste momento da história. Admite sua ingenuidade, porque considerava a educação uma força propulsora, mas, com o exílio e os Golpes na América Latina, pela reflexão, reconhece os limites globais da educação. No entanto, diz ele, *“através da educação, podemos de saída compreender o que é o poder na sociedade, iluminando as relações de poder que a classe dominante torna obscura”*. (FREIRE, 1987, p.44)

Se a educação pudesse ter uma conversa com a biologia, diz Freire, diria: *“Tenho que compreender quão limitada me obrigam a ser, dados os limites políticos que não me permitem ultrapassar, então seria mais fácil perceber a realidade dos limites sociais!”* (FREIRE, 1987,p.45). Nesta metáfora ele empresta sua voz à educação, se coloca como o observador que Maturana nos propõe, aquele que descreve (dialeticamente) o comportamento dos envolvidos numa relação (sistema educacional- homem político; e a ordem social, poder político), porque aqueles que vivenciam a existência estão cada qual em sua realidade, seu contexto, em sua auto-poiese. Freire se distancia de suas representações e da representação dos estudantes, na época, e penetra a consciência social do movimento, naquele

momento da história, o que me faz pensar que Maturana tem razão quando diz que a mente e a consciência são externas a nós. Parece louco, mas é Freire dialogando com seus conflitos mentais e a resposta está fora de si, na sociedade. Afinal houve empenho seu e dos que lutavam. Havia forças mais poderosas constituídas, de fato, na sociedade, um poder coercitivo, como diz Durkheim, que nos domina, e nosso instinto de preservação se manifesta no medo que nos paralisa. É a semântica que descreve os acontecimentos. Por que a espécie humana, em seu processo educativo, ainda enfrenta o egoísmo, o poder e a disputa no mundo das relações, onde haverá de se re-conhecer, apesar do sistema escolar que “foi criado por forças políticas cujo centro de poder está distante da sala de aula” (FREIRE 1987, p.46).

Ainda neste período de abertura democrática (1983), TEIXEIRA et al, descrevem no artigo “Um referencial para o estabelecimento de regras de convivência solidária no colégio Aplicação” as dificuldades dos educandos em aceitar regras de convivência nesta escola da UFRGS, relatando um movimento designado pelos educandos de “boicote” ao controle das normas escolares que deu origem a um novo documento chamado Regras de convivência solidária. O setor de Supervisão foi descrito pelos educandos como órgão repressor o que resultou em proposta para que fosse extinto. No entanto, uma assembleia chamada pela direção sugeriu que o mantivessem, devido a suas outras atribuições. Por sugestão da direção, formaram comissões, incluindo todos os segmentos para discutirem e validarem novas categorias de regras que contemplassem a todos, *através do diálogo*. Porém, não discutiram princípios de autonomia e liberdade que se constituem no cotidiano da vida escolar, sem o controle de atitudes (Autonomia) ou julgando comportamentos, adaptações (relações/liberdade) o tempo todo, quando as regras fixadas são *boicotadas*, ou seja, sem conceber a dinâmica, o movimento da vida, dos acontecimentos.

Aprender o processo democrático ainda é um grande desafio e sempre que as forças populares se impõem de forma consciente, o poder vigente procura anular essa atuação, haja vista a Lei da mordaza em 2016, apontando para um retrocesso e, se formos parar para pensar, é na manutenção desses regramentos escolares, que ditam modos de ser e estar no presente, no agora, no cotidiano que acontece, limitando a livre expressão, as liberdades e o diálogo na resolução de problemas que se mantém aberto o portal do autoritarismo e do domínio de quem controla a

coisa pública. Sob a ótica de que é necessário constituir regras de convivência, o PPP destaca alguns aspectos que devem ser observados: acreditar na potencialidade de cada pessoa; respeitar a *alteridades*; garantir a comunicação; considerar a diversidade; revalidá-las permanentemente; observar o diálogo, mas quando elas não forem cumpridas haverá procedimentos e penalidades, definidas nas seguintes etapas: superação e conversa. A conversa implica registro escrito e encaminhamentos com medidas restritivas que passam por advertência, assinatura de termo de compromisso, suspensão e desligamento. É o próprio tribunal onde um educando que se prepara para ingressar no mundo das relações, conhecer, aprender e tem um longo processo para isso, tolerantemente é aceito no mundo escolar desde que cumpra tais **medidas (PPP)**, porque não está ali para experimentar um processo emancipatório e sim para chegar tomando conhecimento de determinadas normas que lhe negarão o direito de continuar sua educação, caso não as obedeça.

Trata-se de educação tradicional que se propõe a ampliar o espaço de legislação daquilo que já era feito como controle pelo dominador, disfarçado de democracia. Como um educando terá acesso ao conhecimento fora da experiência do cotidiano, do convívio com as dificuldades dos relacionamentos devido à diversidade cultural, ao contexto sócio/econômico, às condutas internalizadas no ambiente familiar, às agressões de que são vítimas em suas famílias de origem? Afinal, a quê a escola se propõe, diante dessa ótica?

As Regras de Convivência, na ânsia de manter a ordem, congelam, fixam, desconsideram a dinâmica da vida, pressupondo que sua existência evita aquilo que é espontâneo em cada indivíduo, a manifestação de seu ser, de sua autopoiese, de sua expressão conforme aquilo que se apresenta diante de si no dia a dia. Há de se considerar que atos que culminem em agressões físicas tem sua própria legislação e alcançam a todos.

4.2 ENTREVISTAS: Grêmio estudantil e professora coordenadora do Programa de Intercâmbio estudantil – orientou a “montagem do Grêmio”.

5. Alteridade (ou outridade) é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro (que em uma visão expandida se torna o Outro - a própria sociedade diferente do indivíduo). <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade> em 21/06/2017, às 18:29

O contato prévio com a escola teve por objetivo solicitar autorização para as entrevistas; cópia da sistematização da última avaliação pedagógica; conversa com a professora de história que os auxiliou na organização e com os integrantes do grêmio para marcar data de entrevista compatível com suas possibilidades. O documento não foi encontrado nos registros da escola, porém fui convidada para uma reunião que ocorreria em 08/06 para aprovação do novo PPP e RI, a qual não aconteceu e, por esse motivo, a nova redação dos documentos me foi enviado por email. Na ocasião, me chama atenção o comentário de que, em certa oportunidade, a escola não valorizava tanto a participação do Conselho escolar, mas ao se depararem com encaminhamentos de direção que contrariavam opinião coletiva, este segmento foi valorizado por sua importância. Cabe observar, no entanto, que, de fato, este é fundamental numa democracia e talvez não soubessem como eram vistos pelos demais segmentos, uma vez que, *mesmo estando de acordo com as propostas*, sem contrariá-las, se fazia representar na formalização das decisões, pelo aceite, portanto era atuante. A compreensão da administração estava equivocada.

A data agendada pelo grupo correspondia ao de suas reuniões semanais. No dia houve a decisão de que as entrevistas ocorreriam após, tendo sido convidada a participar. Com a chegada de doisicineiros e da professora de história, a presidenta do grêmio e sua colega integrante do departamento de meio ambiente justificavam a ausência dos colegas, solicitando à docente que *pedisse autorização* para que os ausentes deixassem a sala de aula e viessem para a reunião do grêmio estudantil. Outros estavam jogando bola e não se dispunham a vir o que deixou indignada a presidenta, que logo pensou em alguém para substituí-los para dar quorum e poder encaminhar as Oficinas, propostas para a sexta, próxima. Sem nenhuma consulta prévia aos que ali se encontravam convidou dois colegas, estranhos ao Grêmio. Assim que encerrou este encontro iniciamos a entrevista e, a seguir, fui à biblioteca para entrevistar a docente que havia coordenado a reunião do grupo, registrado os encaminhamentos e na entrevista comigo fez esclarecimentos sobre o modo como ocorre os primeiros passos para a autonomia do Grêmio.

Como critério de análise, assim que ouvi os respondentes, pensei em separar a temática de **Formação do Grêmio** como a primeira questão a analisar, para compreender as respostas do grupo e, somente após, compará-las com as da

professora. Além disso, para este tema considere o que os motivou (**motivação**/emoção); de que modo se mobilizaram (**mobilização**/movimento) e como atuaram (**atuação**: ação/reação). Para cada uma destas categorias é possível refletir sob três aspectos: **teve uma função, utilidade**, representando um aspecto pessoal ou psicológico? **Foi causa**, indicando fato coletivo? **Quê sentido**, significado, representação individual ou coletiva teve para cada respondente? Esta disposição implica o seguinte quadro:

FORMAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL: 2016/2

	MOTIVAÇÃO (emoção)	MOBILIZAÇÃO (movimento)	ATUAÇÃO (Ação/reação)
Quem/o quê -	UTILIDADE	CAUSA	SENTIDO

Ainda analisei as seguintes questões: ***Os estudantes procuram o Grêmio?; Como a escola vê o Grêmio?; Formação do Grêmio: Como a professora participou do processo? Destaque de falas da docente; Representações sobre a Escola e o Grêmio estudantil (por educando); Destaque de falas e suas categorias (por educando); Questões à pensar.***

4.2.1 Análise de Conteúdo: o sentido das falas - Quadros de análise

A formação do Grêmio estudantil: *Motivação*: a presidenta; *Mobilização*: a presidenta, aluna do meio ambiente; *Atuação*: Presidenta; aluno do meio ambiente.

Os estudantes procuram o Grêmio?

Como a escola vê o Grêmio?

A formação do Grêmio estudantil: A docente: *Motivação, Mobilização, Atuação.*

Destaque de falas da docente.

Representações sobre a escola e o Grêmio estudantil.

Destaque de falas e suas categorias e Questões para pensar.

FORMAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL - 2016/2 – Quadro 2			
	MOTIVAÇÃO (Emoção)	MOBILIZAÇÃO (Movimento)	ATUAÇÃO (Ação/Reação)
QUEM O QUE	UTILIDADE (função psicológica)	CAUSA (Origem, Fato, Acontecimento)	SENTIDO
MOTIVAÇÃO PRESIDENTA	<p>* CANDIDATURA</p> <p>“Eu fui a primeira a me candidatar!..”(p.77) “...E ele explicou como era o Grêmio estudantil, antes de tudo, o que todo mundo fazia... (p.77) “A escola apoiou bastante, até! (Risos) (p.78)</p> <p>- <i>Memória i mediata-alegria</i> - <i>Apoio da Direção</i> - <i>Apoio colegas da T6</i> - <i>Professora da Pesquisa.</i></p> <p>* HARMONIA</p> <p><i>(mais como um sentido para encontrar o equilíbrio entre sua adaptação na escola e sua dificuldade em lidar com a liderança). Acredita na estratégia do controle para garantia da harmonia: sacrifício do diálogo em prol do autoritarismo.</i></p>	<p>* HOUVE INCENTIVO, EXPLICAÇÃO DO QUE ERA UM GRÊMIO E PROPOSTA DE AJUDA PARA CRIÁ-LO: (p.1) - <i>UFRGS</i> - <i>PROFESSORA DA PESQUISA</i> - <i>DIREÇÃO (Ano Eleitoral: Eleição de Direção e Prefeito).</i></p> <p>* CARGO ELETIVO</p> <p>* DISPONIBILIDADE</p> <p>* INTERESSE DOS ALUNOS: convite</p> <p>*TEMÁTICA DE PESQUISA: Democracia na Escola</p> <p>* MUDANÇA DE DIREÇÃO (apoio da direção)</p>	<p>* HARMONIA / VIOLÊNCIA</p> <p>* LIDERANÇA – cargo eletivo</p> <p>* AUTORITARISMO</p> <p>“Eu acho que as pessoas tem que saber lidar umas com as outras e eu acho que a harmonia é a base de tudo.(p.1)”. “Não sabem escutar o que a Direção pede, o que os professores pedem! Não sabem escutar coman...doos! Então não precisa mais ter Grêmio Estudantil. Ahh!... Essa guria vem aqui e manda! Não é questão... Eu só peçooo!!! Entendeu? Daí, se eu pedir, aih!... Sorrindo, linda, maravilhosa, meiga... as pessoas não escutam, sabe? Tu tem que saber lidar... (p.84)</p> <p>* EVITAR O BULLYING * MOTIVAÇÃO PARA VIR A AULA “Se é um ambiente chato, que ficam fazendo bullying, que ficam gritando, que ficam fazendo... Sabe? Ninguém se fala... As pessoas não vão vim!” (p. 77)</p>

FORMAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL - 2016/2 - Quadro 3			
	MOTIVAÇÃO (Emoção)	MOBILIZAÇÃO (Movimento)	ATUAÇÃO (Ação/Reação)
QUEM/ O QUE	UTILIDADE (função psicológica)	CAUSA (Origem, Fato, Acontecimento)	SENTIDO
MOBILIZAÇÃO PRESIDENTA	<p>* CONVITE PARA AS MANIFESTAÇÕES</p> <p>* OS PROTESTOS</p> <p>“Eu não me lembro se eles vieram prá criar, ou se eles vieram prá convidar!” (p.77)</p> <p>“E até no protesto foi bastante gente! Foi bem legal! A gente foi no protesto da PEC 55 e daí depois que começou a história do Grêmio”. (p.78)</p> <p>•OBJETO DE TEMÁTICA PARA AÇÃO EM PROJETO (Alemanha)</p> <p>•A priori ou a posteriori</p> <p>•O que foi a formação do Grêmio? TAREFA, INFORMAÇÃO MONTAGEM/FORMAÇÃO ou AUTONOMIA ??? ...</p>	<p>• PROPOSTA DE CRIAR UM GRÊMIO</p> <p>“ Veio um advogado aqui prá trazer, veio ele mais uma menina do grêmio da UFRGS... E... É da UFRGS ? Eles vieram com uma proposta de criar um grêmio estudantil aqui na escola”. (p.77)</p> <p><i>O convite era para o grêmio participar das manifestações, então houve constatação de sua inexistência.</i></p> <p>• AÇÃO: PROTAGONISMO E DEMOCRACIA</p> <p>“Que daí a professora (do projeto com a Alemanha) que nos ajudou e que perguntou prá nós se a gente tinha interesse.” (p. 77)</p> <p><i>Professora que orientou o processo indagou quem tinha interesse na formação de um grêmio na escola, após evento da PEC 55.</i></p> <p>•APOIO DA T 6</p> <p>“Então o pessoal que tinha avançado e tava na T6 prá se formar em dezembro, aí eles é que nos ajudaram, sabe? Meteram pilha! Que não... Que vamos fazer... (p.78)</p>	<p>* PROVOCAÇÃO DO MEIO: PERTURBAÇÃO (Maturana/Varela)</p> <p>* ADAPTAÇÃO AOS ACONTECIMENTOS (autopoiese)</p> <p>“Eu não me lembro se vieram prá criar ou prá convidar!” (p77)</p> <p><i>Busca de memória sobre a ordem dos acontecimentos; exterior a seus interesses naquele momento. A motivação foi a candidatura.</i></p> <p>* OFICINAS</p> <p>“E aí depois começou a história do grêmio estudantil... Daí eu trouxe um cara prá fazer oficina de Capoeira, aí depois a gente fez outras oficinas e daí deixou prá esse ano porque não tinha ... Ahh.. Assim... Um tempo prá fazer. Era só aquele... (p.78)</p> <p><i>Atribuição de oficinas para viabilizar atividades que justifiquem a liberação da chave para uso da sala.</i></p>

FORMAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL - 2016/2 - Quadro 4			
	MOTIVAÇÃO (Emoção)	MOBILIZAÇÃO (Movimento)	ATUAÇÃO (Ação/Reação)
QUEM/ O QUE	UTILIDADE (função psicológica)	CAUSA (Origem, Fato, Acontecimento)	SENTIDO
MOBILIZAÇÃO ALUNA DO MEIO AMBIENTE	<p>* ESTATUTO DO GRÊMIO: FORMALIDADE</p> <p>“Não ! Não! O grêmio só começou depois que o Estatuto foi aprovado. Até aí o Grêmio não tinha começado! (p.81)</p> <p><i>Primeiro momento político do Grêmio in viabilizado: discussão coletiva após eleição da chapa e escuta dos colegas para inclusão de proposições.</i></p>	<p>* ESTATUTO APROVADO JUNTO COM ELEIÇÃO POR ACLAMAÇÃO</p>	<p>* NÃO FOI DISCUTIDO COM OS INTEGRANTES DA CHAPA OU COM OS ESTUDANTES.</p> <p>* SEGUIU MODELO COM AJUSTES.</p> <p>•SEM PROCESSO POLÍTICO.</p> <p><i>Auxílio de advogado, direção, orientação pedagógica e professora que os auxiliou na organização (projeto Alemanha</i></p> <p>Eu gosto de ser do grêmio porque o grêmio, ahh.. é... como é que eu vou dizer?... o grêmio... se.. se...o grêmio faz a voz de toda a escola, estudantes, das manifestações, de tudo que nós queremos...(p. 79)</p>

FORMAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL - 2016/2 – Quadro 5			
	MOTIVAÇÃO (Emoção)	MOBILIZAÇÃO (Movimento)	ATUAÇÃO (Ação/Reação)
QUEM/ O QUE	UTILIDADE (função psicológica)	CAUSA (Origem, Fato, Acontecimento)	SENTIDO
ATUAÇÃO ALUNA DO AMBIENTE (43 anos; à 5 anos na escola)	<p>•ENTUSIASMO</p> <p>“Fala do projeto que nós ...” (p.82)</p> <p><i>Pede que o colega se expresse na tentativa de evitar cortes da presidenta, mas esta o faz.</i></p>	<p>•NATUREZA NO ESPAÇO ESCOLAR</p>	<p><i>Diretora, desenvolvendo o Projeto convida colega com mais tempo de escola (13 anos), talvez percebendo a necessidade de apoio mais duradouro.</i></p>
ATUAÇÃO ALUNO DO AMBIENTE (25 anos; à 13 anos na escola)	<p>* PROJETO AMBIENTAL</p> <p>* OFICINAS NA SALA DO GRÊMIO</p> <p>“A gente tá utilizando a sala prá não senta aqui no sofá, né? Temos os nossos materiais prá não sair pedindo para professoras...” (p.82)</p>	<p>* RESPONSABILIDADE</p> <p>*PARCERIA</p> <p>* RESPEITO</p> <p>* BOM SENSO</p> <p>* COMPREENSÃO DA SITUAÇÃO</p> <p>•ATUAÇÃO EFETIVA</p> <p>“Trabalho bem diferenciado, é do meio ambiente... Aí tem que ser um por um, mas tem que ser...”(p. 82) Assim...</p>	<p>“O Grêmio seria uma coisa boa para a escola. A escola já é boa! A gente... Tipo... O grêmio na escola nunca teve antes... Melhora as recreações... Dá para fazer várias coisas...” (p.82)</p> <p><i>Convidado no período para integrar o grupo do ambiente não se sentiu firme e ainda é interrompido pela presidente. O verbo empregado “seria”, indica suas dúvidas.</i></p>
ATUAÇÃO PRESIDENTA (18 anos; à 1 na escola)	<p>* AUTORITARISMO</p> <p>* DESAGREGAÇÃO</p> <p>* FRAGMENTAÇÃO</p> <p>* ARROGÂNCIA</p> <p>* COBRANÇAS</p>	<p>•OS DEPARTAMENTOS : DIRETORIAS</p> <p>•Interrompendo: “Não! Mas a gente tem itens assim de várias, das várias diretorias que tem dentro da direção, ... Dentro do Grêmio estudantil (risos), daí ... Tipo assim ... (p.82)</p>	<p>“Eles tem propostas deles, do que eles vão fazer, então fica tudo pontuado, entendeu? Então... Prá cumprir aquilo... Todas as categorias (referindo-se aos outros departamentos) tem algo prá ser cumprido...” (p.82)</p>

OS ESTUDANTES PROCURAM O GRÊMIO? Quadro 6

Discussão de temas; organização escolar; demandas dos estudantes; descontentamentos; reivindicações; violência; alguma outra coisa?

Aluno do Ambiente:

Assunto: Cobranças e Opiniões;

Narra sua versão como observador de uma briga na escola: banaliza a situação. Autoridade/obediência.

“ Uma briga tosca, tipo, não tem por quê aquela discussão:

... a menina não entendeu e daí a outra menina tentou explicar de uma forma....Ah..assim **de uma forma como diretora**, e a guria entendeu tudo errado e partiu prá ignorância. E já se acabou e já se encerrou e já foi...

E a menina nem deve se lembrar! “ (p. 83-84)

Presidenta:

Assunto: Cobram oficinas, carteira do TRI, cadastro em estágios, relacionamento com colegas, brigas (sempre que procuram a gente tenta harmonizar!

Narrativa de colega do ambiente serve de estopim para desabafo:

E porque comigo não é assim... é oito ou oitenta! (Risos) ...Daí jogam meia hora normal e daí daqui a pouco, eu não sei o que acontece, baixa uma entidade neles (risos) e daí eles começam a se peitar... sabe? Uma loucura (todos riem). Daí vem eu, né?, a ..., a chata xaropona, insuportável, tem que dar uns gritos, tenho que tirar, daí eu tiro porque senão eu tenho que suspender o jogo. E é assim! **Ou tu sabe lidar com as pessoas** ou tu sabe jogar ou tu sabe fazer tudo numa boa ou senão tu não sabe mais! Porque daí eu não vou mais fazer. **Por que o jogo corre o risco de não acontecer mais.** Se as pessoas não cooperarem não vai acontecer mais. **Não sabem lidar com a sala.** Não sabem **escutar o que a direção pede, o que os professores pedem! Não sabem escutar comaan...doos!** Então **não precisa mais ter o Grêmio** estudantil. Ah! Essa guria vem aqui e manda! Não é questão de mandar... **Eu só peçooo !!! Entendeu?** Daí, se eu pedir, aih!... sorrindo, linda, maravilhosa, meiga... as pessoas não escutam, **sabe?** E não tem que impor... **Tu tem que saber lidar**, Claro que eu não vou chegar aqui, ai gritando e mandando, né? **porque tudo tem um jeito...** Até várias pessoas gostam de mim aqui no colégio, **não sei quem ...** (risos), mas tem outras que **não suportam, sabe?** Mas a maioria gosta, então prá mim , **a estratégia prá mim , tá dando tudo certo!** (p.8)

A analogia com a situação de agressão, lhe recorda: Coloca-se no lugar do coordenador de turno que entrevistou na situação de violência, apartando a briga e descreve evento onde lhe foi cobrado a postura dos colegas e uso da sala do grêmio, dando voz as expressões que ouviu, incorporando, como presidente do grêmio, encaminhamentos. Reproduz falas e ameaça com a extinção do grêmio. Se dá conta de sua exaltação, do tempo de fala, e termina com a aprovação de si mesma, apesar do que possam pensar a seu respeito. Após se afasta do grupo.

Admite não esquecer uma afronta; admite violência na escola; revide da direção; autoritarismo: tem que saber lidar; ameaça; intimidação; extinção do grêmio; reprodução de falas; deboche; argumenta a favor de si mesma; compensação reflexiva: violência/autoritarismo – oito ou oitenta! Grêmio serve para fazer cumprir as regras: instrumento de controle.

COMO A ESCOLA VÊ O GRÊMIO? Quadro 7

Aluno do Esporte:

Tem alguns professores que acham que é uma perda de tempo!
Mas, outros acham que é importante. Acham que a gente vem aqui prá baixo prá ficar brincando!
Sim, agora os professores estão vendo que isso aqui é de verdade e eles estão aceitando

Presidente:

(*Presidenta interrompe dois que tentam falar*):
Eles acham que é para matar aula e muitos entram prá matar aula! (Risos!)

O que sua fala tem a ver com seu modo de cooptar integrantes para suprir cargos no Grêmio?

Aluna do Ambiente:

... nem sempre nós, nós podemos sair às 2 horas!...
Eu, por exemplo, eu tenho geografia no primeiro horário, eu o o Esporte.
Ah... Aí eu pedi prá professora falar com a professora de..., de geografia prá me liberar senão ela não...

Os integrantes do Grêmio não tem autonomia condizente com a função que ocupam, nem o respeito dos professores que não reconhecem suas justificativas e seus afazeres como legítimos, submetendo-os a sua autoridade ou exigindo que outro docente o represente para justificá-los como sérios. Decorrente do modo como o próprio Grêmio se constituiu e se conduz: atrelado a coordenação de um setor docente. Há de se diferenciar apoio, de condução e submissão. O primeiro pressuposto é sempre de dúvida em relação a idoneidade do educando. Uma autoridade precisa respaldá-lo. Assim ele nunca se torna autoridade naquilo que faz.

FORMAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL - 2016/2 – Quadro 8				
	MOTIVAÇÃO (Emoção)	MOBILIZAÇÃO (Movimento)	ATUAÇÃO (Ação/Reação)	
QUEM/ O QUE	UTILIDADE (função psicológica)	CAUSA (Origem, Fato, Acontecimento)	SENTIDO	
DOCENTE	MOTIVAÇÃO	<p>* TAREFA DA T6 No Programa de intercâmbio entre estudantes (POA e Alemanha):</p> <p>•Montar um Grêmio estudantil na escola.</p>	<p>* META NUMA DAS ATIVIDADES DE MULTIPLICAÇÃO DAS APRENDIZAGENS NO PROGRAMA.</p>	<p>* PROJETO QUE TRABALHA DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA ESCOLA – Programa de intercâmbio desde 2009. Reuniu educandos que já se formaram e aqueles que estavam se formando (T6).</p>
	MOBILIZAÇÃO	<p>* ARTICULAR OS ESTUDANTES A PARTIR DE UM FATO:</p> <p>- Convite dos movimentos Contestação, Levante Popular e agremiações, ao Grêmio, para participarem das mobilizações. - Os estudantes não estavam organizados em agremiação.</p>	<p>CONVITE DA PROFESSORA RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DE INTERCÂMBIO AOS Movimentos Populares para vir à escola.</p>	<p>1º- Atender a uma solicitação da T6; 2º- Montagem do Grêmio – TAREFA; 3º- Participar da Mobilizações – EVENTO, ACONTECIMENTO</p>
	ATUAÇÃO	<p>* INFORMAM O QUE É UM GRÊMIO ESTUDANTIL. * ESCOLA ADAPTA UM MODELO DE ESTATUTO, SEM DISCUSSÃO DO SEGMENTO ESTUDANTIL. * LEGITIMAM AMBOS: Estatuto e Grêmio, em Assembleia, por aclamação.</p>	<p>T6 CUMPRE SUA TAREFA NA FORMAÇÃO DO GRÊMIO.</p> <p>Os INTERESSADOS SE CANDIDATAM PARA A MONTAGEM DE UMA ÚNICA CHAPA.</p>	<p>* DESENVOLVER E EXECUTAR UM PROJETO: montagem do Grêmio estudantil da escola – tarefa definida no Projeto Alemanha. * SUPRIR SUA INEXISTÊNCIA; * FORMALIZAR A EXISTÊNCIA DO GRÊMIO.</p>

DESTAQUES DE FALAS DA DOCENTE - Quadro 9

[...] a partir destes jovens que trabalharam com o intercâmbio, que participaram do intercâmbio com a Alemanha, nós propusemos, numa das atividades de multiplicação **das aprendizagens que eles tiveram, seria ajudar a montar um grêmio estudantil** dentro do, por quê? Já houve uma tentativa de montagem de grêmio estudantil aqui, por parte de uma professora do SOE [...] (p.87);

[...] à então nós fizemos....uma das ações a montagem do grêmio estudantil, convidamos outros grupos juvenis, prá vir aqui na escola falar sobre o que que era um Grêmio [...] (p.87);

[...] então fizemos, passamos em todas as turmas prá ver quem tinha interesse de montar uma chapa, montamos uma comissão eleitoral, essa comissão eleitoral, dos estudantes... **ajudou** a preparar o Regimento interno do grêmio estudantil, adequando um modelo[...] (p.87);

[...] Quem é que acompanharia o Grêmio? Então eu meio que comecei o ano... meio que **fazendo a passagem dessa mediação do grêmio** prá professora da coordenação cultural, prof. ..., e prá professora da coordenação pedagógica, prof., elas acompanhando as primeiras reuniões, que ficaria com o cultural esse acompanhamento do Grêmio...e daí, no fim, no rodar da..., da carruagem, **a gente acabou fazendo uma reunião e discutindo que ficaria como um dos projetos dentro da biblioteca, aonde eu to lotada agora.** (p.88)

[...] tá aprendendo a lidar com a questão da autoridade. Então tinha muita reclamação em relação à maneira como ela tratava os colegas [...] (p.88);

A(presidenta) mesmo teve umas 4 reuniões no início , do... do..., deste ano, que ela não veio; eles vinham e ela não vinha; depois ela vinha e mudava todas as coisas... porque ela não tinha participado da reunião, então ela não sabia das coisas que eles tinham combinado e ela mudava os combinados e eles ficavam bravos [...] (p 89);

[...] e agora eu pedi prá eles pendurarem, mas eles não tem o hábito de olhar... e ver... lá prá ver lá: ahh? [...] (p.89);

[...] o outro menino da manhã saiu, então a gente fez uma **eleição interna**, dentro do grêmio mesmo, com votação, **aí prá essas trocas** [...] (p.90);

Alguns se formaram no final do ano passado, mas outros já tinham até se formado e voltaram aqui prá participar da organização do grêmio. **Então é...., porque aqui é muito dinâmico, as vezes eles não ficam nem um ano na escola.** (p. 90);

[...] porque daí, nesse processo de trabalhar a questão da participação juvenil, o protagonismo juvenil, etc, como eu te disse, eu trouxe o pessoal que era de outros grêmios escolares, trouxe movimentos populares de juventude. (p. 90).

REPRESENTAÇÕES SOBRE A ESCOLA E O GRÊMIO ESTUDANTIL Quadro 10

PRESIDENTA:

Então, se aqui no colégio a gente tem uma harmonia, tem um ambiente que é... ah! como é que eu posso dizer... um ambiente agradável! As pessoas vêm prá aula. Se é um ambiente que é chato, que ficam fazendo bullying, que ficam gritando, que ficam fazendo... sabe... ninguém se fala... as pessoas não vão vim! (p.77)

Então aqui é uma escola que não tem preconceito! Claro que sempre tem as picuinhas, mas não é que nem escola regular,... (p.79)

Quando já começa o desrespeito, quando já começam aquelas frescurinhas todo mundo já pára... É uma coisa que é automática. Não precisa mandar. Entendeu? **É que é por causa do ritmo da escola...** É assim! Aqui, quando eu entrei... ah!...o pessoal, assim, nossa!... Me acolheu super bem, sabe? (p.79)

Tu é nova? Então tá! Então tu vai ficar aí de canto até tu querer fazer uma amizade, entendeu? Já quando eu entrei aqui... No primeiro dia de aula já tinha um amigo. Já falei com um monte de gente, sabe? Então eu acho que aqui é uma escola bastante harmoniosa. (p.79)

Categorias:

EXPERIÊNCIA DOLOROSA, COMPENSAÇÃO, PERCEPÇÕES, HARMONIA, BULLYING, EXPECTATIVA, DEFICIÊNCIA, PRECONCEITO, DIFERENÇAS, ESTIMA, ACOLHIMENTO, DESRESPEITO, REGRAS, PODER, COMPARAÇÃO, ANALOGIA, INTERNALIZAÇÃO DE REGRAS, CONTRADIÇÃO, AUTORITARISMO, COMPENSAÇÃO REFLEXIVA: harmonia/controle ou violência/autoritarismo; RITMO DA ESCOLA.

Interpretação:

Expectativa de ambiente agradável como condição para frequentar a escola. A presidente fala de respeito e passa toda a entrevista interrompendo os colegas, fazendo autodefesa de situações que não são expostas, a seu respeito, sente-se ameaçada pelos colegas que, por terem mais maturidade usam, tacitamente, seu próprio lema: “tudo pela harmonia!”, ou seja, até suportar o desrespeito! Para falar dos próprios sentimentos e expectativas ao ingressar na escola refere à condição da colega para dizer o quão maravilhoso foi seu acolhimento. Assimilou concepção da escola “ritmo diferenciado da escola”. Na verdade, são os educandos, independente da administração das escolas, que devem ser respeitados em seus ritmos. A diferença está no sujeito não na coisa. A escola pode refletir este aspecto se respeitar esta lógica. Se impuser regras, analisar comportamentos afrontará o que todos chamam de harmonia, porque a animosidade quebrará o equilíbrio entre o tempo de cada um e o seu espaço de movimento onde faz o seu processo adaptativo com o meio. São as pessoas que criam os ritmos: os mais velhos priorizando e acalentando a convivência, recepcionando bem a todos, a inclusão encontrando cuidado, acolhimento, lazer, prazer com os amigos, compensações e

os mais jovens, acelerados, porém tomando um choque de realidade ao poderem pensar em tempo e espaço no mesmo ambiente, ou seja, o que vou fazer do tempo de minha existência e como posso ver muitas possibilidades neste lugar e tenho pouco tempo para me decidir devido a proposta curricular. É a oportunidade de reflexão, voltar a si mesmo, e se auto avaliar para a maturidade. Então, por que não apostar na força do diálogo e na autoridade da diversidade que a escola apresenta para a aprendizagem do respeito nas relações?

ALUNA DO AMBIENTE: a escola e o Grêmio

Conclui seu pensamento após o corte da presidenta:

E a harmonia acima de tudo... Eu, eu , quando entrei aqui, o colégio excelente... a 5 anos atrás ... tem... é....canto, aula de canto, violão... Tem várias coisas aqui! Que ajuda! Eu faço artesanato na sexta feira, tem o fuxico, tem várias coisas... é o que nós alunos podemos fazer...! Sem estar no horário de aula! (p.80)

Categorias:

MATURIDADE, PRINCÍPIOS, ALTERNATIVAS DE CONVIVÊNCIA: lazer, prazer, compensação.

Significado do Grêmio: A harmonia, a união... *(precisa de tempo para se expressar)* (p.79)

Eu gosto de ser do grêmio porque o grêmio, ahh.. é... como é que eu vou dizer?... o grêmio... se.. se...o grêmio faz a voz de toda a escola, estudantes, das manifestações, de tudo que nós queremos... (p.79)

Categorias:

HARMONIA, UNIÃO, CIDADANIA, FALAR/OUVIR, REIVINDICAR, PARTICIPAR, RESPEITAR.

Interpretação:

Vê a escola na amplitude de tudo que ela pode lhe oferecer e supera com delicadeza a imaturidade dos colegas.Sentido relacional, coletivo, político e afetivo da existência do Grêmio, crença na força da união para a execução de tarefas, na transformação do status quo (estado atual).

ALUNO DO AMBIENTE: escola e Grêmio

Uma briga tosca, tipo, não tem por quê aquela discussão: a menina não entendeu e daí a outra menina tentou explicar de uma forma....Ahh...assim de **uma forma como diretora**, e a guria entendeu tudo errado e partiu prá ignorância. **E já se acabou e já se encerrou e já foi... E a menina nem deve se lembrar!** (p.83)

É que a escola tá organizada... quando a gente não consegue fazer algo a gente chega para um professor e pergunta, se precisa de um apoio é só chegar no professor e falar, se a gente não consegue fazer sozinho..., dá uma base de como fazer.. (p.85)

Categorias:

APOIO DOCENTE, HETERONOMIA (sujeição a uma lei exterior), RELAÇÃO ENSINO/APRENDIZAGEM (autoridade/instrução).

Seria uma coisa boa para a escola. A escola já é boa. A gente ... tipo...O grêmio na escola como nunca teve antes...Melhora as recreação, fazer várias coisas assim...(p.82)

A inexistência do Grêmio: **Quanto tempo tu estás na escola?** desde 2004... a resposta que me veio é porque de certo... eles não pensaram porque **se** um aluno chegar na escola e falar:- **por favor professor deixa montar um grêmio estudantil** na escola eu não saberia qual seria a resposta dos professores... Tanto que eu nunca soube!... Hoje em dia **do nada assim eles resolveram montar... Não sei como, nem por quem, nem quando, só sei que montaram... Aí eu me inscrevi e to no meio ambiente.** (p.85)

Um aprendizado diferente! Uma responsabilidade diferente.Depende de várias pessoas, de vários estilos... várias pessoas vão aproveitar! (p.85)

Tem que ter diálogo. Prá ti participar de um Grêmio estudantil, tu tem que ter diálogo, tu tem que **falar algo diferenciado** prá poder ir de atrás daquilo que tu pensou prá colocar numa escola, Uma escolaa!... **tem que ser bem feitinho, tem ser um diálogo bem diferenciado, bem pelo certo** e isso vai ajudar. (p.86)

eu era como o vice-presidente, **dava opiniões**, por isso que **eu me encaixei aqui no grêmio estudantil... É só!** (p.86)

Categorias:

APRENDIZADO, RESPONSABILIDADE, DIÁLOGO, OPINIÕES, COMO UM DIRETOR, COMO UM VICE-PRESIDENTE.

Interpretação:

Desconhece a sua possibilidade, autônoma, de tomar decisões enquanto segmento escolar e compreende a participação como mais um aprendizado que a escola oferece e para o qual ele se surpreende porque ainda não entendeu o porquê de estar acontecendo, mas pode contribuir com “opiniões” como fazia em outro curso que também tinha um Grêmio estudantil. Mas entende que, para si, pode ser valiosa a experiência pessoal; não compreende o sentido de representatividade política de um Grêmio; acredita que, antes de mais nada, tem que perguntar o que a escola deixa ou não deixa fazer; se pode ou não pode, como é isso ou aquilo; como se faz tal coisa que eu não sei fazer... Pelo tempo de 13 anos na escola, me parece que questões de cidadania estão carentes para os estudantes. Existe um senso de responsabilidade que não se arrisca ao erro na dinâmica da vida e que, talvez, se apoie nas condutas aceitáveis para se mover, ou seja, quem pode me dizer o certo e o como eu devo fazer? Só a autoridade! E, quando a liberdade não se expressa, o autoritarismo está por trás.

ESPORTE: O que vocês acham que essa discussão, esse trabalho com o grêmio pode trazer de aprendizado prá cada um de vocês? Acho certo, mas não sei explicar! (Convidado pela presidenta para substituir integrante que optou por outra atividade ao invés de participar da reunião).

DESTAQUES DE FALAS E SUAS CATEGORIAS: - Quadro 11

Presidenta: 18 anos; pouco mais de 1 ano na escola

As pessoas tem que saber lidar umas com as outras	Autoritarismo
A harmonia é a base de tudo.	Regra/meta
Se aqui no colégio a gente tem uma harmonia...	Condição/Controle
(sem harmonia) as pessoas não vão vim!	Concepção
A gente conversou com todo mundo...fez várias reuniões	PEC 55
E aí começou a história do Grêmio...	Estatuto/Oficinas
Aí eu trouxe um cara prá fazer oficinas	Montagem/Grêmio
Tem as picuinhas...	Violência/harmonia
É por causa do ritmo da escola. É assim!	Controle/ritmo
É uma escola maravilhosa!	Diversidade
É uma escola bastante harmoniosa!	Regra/condução
É que aqui é bastante diferente. Vai do interesse...	Compromisso
Ali prá abrir o Grêmio quem abre sou eu.	Regra
Já saiu do Grêmio, nem porque saiu da escola...	Autoritarismo
A gente botou ali, vamos supor que a gente ...	Má- fé
Quando precisar já não vai ter mais nada, entendeu?	Vigilância
Eu venho de manhã abro o Grêmio, venho de tarde...	Determinação
E muitos entram prá matar aula!	Juízo/má-fé
Estão prá cumprir aquilo, entendeu?	Arrogância
É por que comigo não é assim! É oito ou oitenta...	Autoritarismo
Não sabem escutar coman...dooos! Então, não precis	Abuso/poder
Não precisa mais ter Grêmio!	Poder/ditadura
Não é questão de mandar! Eu só peçooo!...	Dissimulação
Então, prá mim, a estratégia tá dando certo...	Competição/jogo
Não suportam, sabe? Mas a maioria gosta...	Ponderação/reflexão

Aluna do Ambiente: 43 ano; 5 na escola

E a harmonia acima de tudo
 Nossa vice-presidente foi prá outra escola
 A tesoureira quis sair porquee ...Saiu e agora....
 Só começou depois que o Estatuto foi aprovado
 Aí eu pedi prá professora.... falar com a professora..

Temperança
Animosidade
Autoritarismo
Outorgamento
Heteronomia

Aluno do Ambiente: 25 anos; 13 na escola

A gente está utilizando a sala prá não senta aqui no sofá
 Fazer tudo mais organizado e não fazer tudo na hora
 De uma forma como diretora...
 Eu era como o vice-presidente...
 Entendeu tudo errado e partiu prá ignorância...
 Um aprendizado diferente! Uma responsabilidade difere
 A escola tá organizada. Quando a gente não consegue.
 Falar algo diferenciado prá poder ir atrás daquilo que penso
 Tem que ser um diálogo bem diferenciado
 Nem por quem, nem quando, só sei que montaram

Utilidade da sala
Funcionalidade
Autoridade
Opinião/tarefa
Desobedecer
Experiência
Solicitude
Criatividade
Certo/regra
Antidemocracia

Aluno do Esporte:

Agora os professores estão vendo que isso é de verdade

Grêmio/segm.

Aluno da Comunicação:

Eu fico mais dentro da sala de aula
 Os professores não deixam muito eu sair

Insegurança
Omissão prof.

Questões para pensar: Quadro 12

1. Porque existe resistência de parte das administrações escolares para motivar o segmento estudantil na formação de Grêmios, conscientes de seus direitos de voz e participação em decisões?
2. Qual a necessidade de instituir regras de convivência em escolas democráticas que tem como princípio o diálogo?
3. De que forma isso se torna um empecilho, um estorvo para a organização estudantil? Funciona como uma força coercitiva?
4. Como os mecanismos da violência estão inseridos neste contexto?
5. O que isso tem a ver com a Teoria da violência simbólica? (Escola e Democracia – Saviani, 1992).
6. Até onde a negação da liberdade na escola envolve o “medo da responsabilidade individual” frente a respostas que devem dar para atitudes de estudantes, que os administradores não desejam assumir para si nos eventos do cotidiano escolar? Considerando, também, a falta de servidores para o atendimento das demandas, mas a possibilidade do docente resolver em sala muitas questões, atualmente encaminhadas para o SOE.
7. O controle, através de Regras de Convivência, seria estratégia administrativa para manter a credibilidade da instituição, lidando com “sanções” para resolver conflitos, no sentido de dar respostas formais, ainda que não efetivas?
8. Qual a repercussão que estes atos coercitivos assumem para promover a naturalização de seus efeitos: afastamento, exclusão, expulsão, constrangimento, desresponsabilização com a educação como processo, convite para se retirar da escola e incentivo às transferências, burlando leis que, cada vez menos, se tornam de conhecimento público?
9. A questão política que envolve a formação de um Grêmio é um tema que deve ser abordado em aula pelos docentes, significativo para a formação cidadã: autonomia, liberdade, alteridade, protagonismo estudantil, indisciplina ao invés de ensino/aprendizagem, e democracia.
10. Pensar em questões como: refeitório como tema de debate do grêmio; reuniões semanais para as oficinas; afastamento de integrantes; autoritarismo em função da liderança; trocas de membros do grupo sem discussão prévia; reunião sem quorum realizada substituindo integrantes; sala e chave do grêmio coordenado pela direção; abertura da sala somente em função de atividade; coordenação de reuniões por professor; compreensão de que há necessidade de colocar um professor ou segmento cooperando com o grêmio.

4.2.2 Relatório final

A candidatura da presidenta ao cargo teve por motivação interesse pessoal, após participação nas mobilizações estudantis e impulso da T6 para a montagem de um Grêmio estudantil na escola. Receberam informações das agremiações que esclareceram as funções de cada integrante da chapa que se constituiu, mas não discutiam nenhuma questão de fundo para o segmento estudantil, tendo que convidar interessados para a sua formação.

Sua crença na estratégia do controle para a garantia da harmonia perpassa todas as suas falas: sacrifício do diálogo em prol do autoritarismo. Acaba sendo sua prática com os colegas, cuja maioria já se afastou. A substituição tem sido feita de forma autoritária, sem discussão prévia. Isso faz com que exalte a si mesma, julgando ser a única pessoa que atua e tem responsabilidades, interrompendo falas de colegas para omitir essa postura. Nas primeiras reuniões esteve ausente e sempre que retornava desacatava decisões dos participantes. Ocorre empoderamento porque suas atitudes não são questionadas como deviam. Como suas ações parecem respaldadas, o grupo acata sua posição como superior aos demais e agem sem autonomia, como tarefeiros que devem prestar contas à presidenta. Tem uma expectativa de ambiente agradável como condição para frequentar a escola – dicotomia harmonia/violência ou harmonia/controlado. Admite não esquecer uma afronta e na narrativa de evento no ambiente escolar admite violência e revela em suas falas autoritarismo. Fala de respeito e passa toda a entrevista interrompendo os colegas, fazendo autodefesa de situações que não são expostas, a seu respeito, sente-se ameaçada pelos colegas que, por terem mais maturidade usam, tacitamente, seu próprio lema: *“tudo pela harmonia!”*, ou seja, até suportar o desrespeito! Para falar dos próprios sentimentos e expectativas ao ingressar na escola refere à condição da colega e diz o quão maravilhoso foi seu acolhimento. Assimilou concepção da administração sobre *“ritmo diferenciado da escola”*. São os educandos, independente da administração das escolas, que devem ser respeitados em seus ritmos. A diferença está no sujeito não na coisa. A escola pode refletir este aspecto se respeitar esta lógica. Se impuser regras, analisar comportamentos afrontará o que todos chamam de harmonia, porque a animosidade

quebrará o equilíbrio entre o tempo de cada um e o seu espaço de movimento, onde faz o seu processo adaptativo com o meio. São as pessoas que criam os ritmos no interesse de suas ações: os mais velhos priorizando e acalentando a convivência, recepcionando bem a todos (mais tempo de permanência), a inclusão encontrando cuidado, acolhimento, lazer, prazer com os amigos, compensações e os mais jovens, acelerados, porém tomando um choque de realidade ao poderem pensar em tempo e espaço no mesmo ambiente, ou seja, *o que vou fazer do tempo de minha existência e como posso ver muitas possibilidades neste lugar e tenho, aqui, pouco tempo para me decidir devido à proposta curricular*. É a oportunidade de reflexão, voltar a si mesmo, se autoavaliar para a maturidade. Então, por que não apostar na força do diálogo e na oportunidade do convívio na diversidade que a escola apresenta para a aprendizagem do respeito nas relações? Esta ideia de ritmo está mais associada à juvenilização da EJA que acelera o tempo de permanência na escola. O Estatuto do Grêmio previu um período de seis meses, prorrogado por mais seis, para a gestão, devido à expectativa de permanência dos jovens na escola. No entanto, não confere com a realidade de outros estudantes esse breve tempo na escola e a saída de um membro poderia ser ajustada através de outros critérios que não tornassem a gestão tão efêmera, afinal o segmento estudantil inclui adolescentes, adultos e inclusão.

Os integrantes do Grêmio não tem liberdade condizente com a autoridade da função que ocupam, nem o respeito dos professores que não reconhecem suas justificativas e seus afazeres como legítimos, submetendo-os a sua autoridade ou exigindo que outro docente os represente para justificá-los como sério. Isto decorre do modo como o próprio Grêmio se constituiu e se conduz: atrelado à coordenação de um setor docente. Há de se diferenciar apoio, de condução e submissão. O primeiro pressuposto dos docentes é sempre de dúvida em relação à idoneidade do educando. Uma autoridade precisa respaldá-lo. Assim ele nunca se torna autoridade naquilo que faz. Acaba como um segmento de utilidade para fazer cumprir as regras: instrumento de controle; e viabilizar o oferecimento de oficinas aos colegas que justifiquem a liberação da chave para uso da sala destinada ao grupo. Da mesma forma, o primeiro momento político do Grêmio foi inviabilizado: discussão com os estudantes sobre o Estatuto do segmento, o que dá menos visibilidade ao segmento.

O educando do noturno que manifestou interesse em participar neste período foi aceito em votação interna do grupo, trazido pela professora que os orientou. Desconhece a sua possibilidade, autônoma, de tomar decisões enquanto segmento escolar e compreende a participação como mais um aprendizado que a escola oferece e para o qual ele se *surpreende* porque *ainda não entendeu o porquê* de estar acontecendo, mas pode contribuir com “opiniões” como fazia em outro curso que também tinha um Grêmio estudantil. Mas entende que, **para si**, pode ser valiosa a experiência; não compreende **o sentido** de representatividade política de um Grêmio; acredita que antes de mais nada tem que perguntar o que a escola deixa ou não deixa fazer; se pode ou não pode, como é isso ou aquilo; como se faz tal coisa que eu não sei fazer... Pelo seu tempo de 13 anos na escola, me parece que questões de cidadania estão carentes para os estudantes. Para ele existe um senso de responsabilidade que não se arrisca ao erro na dinâmica da vida e se apoia em condutas aceitáveis para se mover, ou seja, quem pode me dizer o certo e o como eu devo fazer? Dentro da escola tudo deve ser certinho. Sua compreensão de diálogo diz respeito a uma *fala diferenciada* que se destaque por algo que é certo e beneficiará a escola. Só a autoridade escolar sabe o que é melhor! Gostaria de compreender porque, agora, os *professores* fizeram um Grêmio, porque se há uns anos atrás tivesse perguntado *se poderia montar um*, nem saberia qual seria a resposta dos professores (**heteronomia**). Compartilha com a companheira do Ambiente a responsabilidade sobre o projeto que se propõem, estão coesos e tem sentimento de grupo, embora a presidenta se esforce por desfazê-lo.

A colega do Ambiente é a única que tem consciência plena dos significados de um Grêmio e percebe todas as dificuldades que se colocam no grupo. Tem disposição para o trabalho *como meio para aguardar as mudanças necessárias*. Vê a escola na amplitude de tudo que ela pode lhe oferecer e supera com delicadeza a imaturidade dos colegas. Sentido relacional, coletivo, político e afetivo da existência do Grêmio, crença na força da união para a execução de tarefas, na transformação do status quo (estado atual).

Mais dois colegas participaram da entrevista: do Esporte, que pouco se manifestou e o da Comunicação que somente fez algumas colocações durante a reunião com o grupo das Oficinas – o Levante popular. Ambos foram convidados pela presidenta para dar quorum, reafirmado pela professora durante sua entrevista.

Analisar primeiramente as falas dos estudantes foi providencial para entender a relação causal e temporal da formação do Grêmio, principalmente porque a expressão “**montagem**” dá o verdadeiro significado de sua existência, ao mesmo tempo, esclarece todos os problemas que envolvem seu desempenho. Procurarei me deter na cronologia dos acontecimentos:

- A turma de T6 recebeu como tarefa, meta numa das atividades de multiplicação de suas aprendizagens dentro do Programa de Intercâmbio (PoA/Alemanha), a “montagem do Grêmio estudantil”;

- A causa para a visita dos movimentos foi o convite feito pela professora coordenadora do Projeto para dar a conhecer aos educandos as diferentes “representações” de uma agremiação;

- Os educandos foram os objetos da tarefa proposta à T6;

- Havia consciência de que a escola não tinha um Grêmio e objetivo na visita: informação. No entanto a aproximação se fez pelo convite à participação nas mobilizações. Então, convidar para as mobilizações foi uma utilidade, não a causa primeira (informar o que era um Grêmio);

- Os alunos da T6, os que haviam se formado no semestre anterior, a professora (Projeto de intercâmbio estudantil) e alguns educandos que participaram das mobilizações visitaram as turmas para ver quem desejava formar uma chapa.

- Houve informação da função de cada um na chapa, adaptação de um modelo de Estatuto com o acompanhamento da direção e da coordenação pedagógica, porém sem a participação estudantil;

- A chapa se constitui por interesse individual, não de um coletivo. A motivação era externa. Não houve formação política dos estudantes para a compreensão do fenômeno.

Revisando **a nova redação do PPP (2017)** verifico que o capítulo “Gestão Democrática do(escola) que incluía o segmento estudantil e os pais ou responsáveis (a comunidade), foi substituído por “Equipe Multiprofissional”, sem nenhum outro local que indique, no PPP, o segmento estudantil e a forma deste se organizar, tão pouco a existência do Grêmio estudantil, já formalizado. Estão

inseridos somente no Regimento Interno (RI) no capítulo sobre Gestão, onde é informada a possibilidade de organização por agremiação e seus direitos e deveres, tais como

Art 46 O corpo discente é formado pelos educandos matriculados que frequentam o Parágrafo único: São responsabilidades dos educandos: a) Participar na elaboração dos princípios de convivência da sua turma e do Centro em conjunto com os demais segmentos. 25 b) Participar dos processos de eleição no Centro. c) Responsabilizar-se pela conservação de todos os espaços físicos, bem como de materiais existentes no Centro e que são patrimônio de uso coletivo. d) Participar das discussões e elaboração dos projetos que definem a aplicação do repasse de verbas e eleger as prioridades na aplicação do mesmo. e) Conhecer e cumprir os dispositivos deste regimento.

Da mesma forma, os Princípios de Convivência são retirados do PPP e inseridos no RI, mas a previsão de sanções de “suspensão e desligamento”, ou seja, culminando na expulsão, quando esgotadas as possibilidades de advertência e assinatura de termo, **são substituídas pelo artigo** que remete à Constituição Federal (CF) e ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas de forma, ainda coercitiva, porque o leigo jamais pensará que neste momento a lei lhe ampara totalmente, podendo ainda ter sido citada a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Refere o RI: *No momento em que forem esgotadas todas as possibilidades, recorre-se à Constituição Federal (1988) e ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)*. Todas garantem, em seus dispositivos, a presença do educando dentro do processo educativo – a escola. Seria um contracenso, afinal, dizer que a educação é para todos, responsabilidade do Estado, da família e da sociedade e promover a exclusão para alguém que está em desenvolvimento e à escola cabe à formação de cidadãos responsáveis e conscientes, plenamente aptos ao convívio social. Portanto, medidas abusivas, são ilegais pela Constituição,

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (<https://jus.com.br/artigos/28293/ilegalidade-da-expulsao-ou-transferencia-compulsoria-de-estudante> Acesso em 05/07/2017; às 20:52)

Ainda é possível considerar o artigo 206 da CF: *O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola*; o artigo 6º da Lei nº 7716/89 considera crime recusar, negar ou impedir a inscrição ou ingresso de educando em escola pública ou privada,

estabelecendo pena de privação de liberdade; o ECA que reitera estes termos no artigo 53 e o artigo 3º da LDB (Lei 9394/96). A garantia de permanência impede a exclusão do educando considerado indisciplinado.

Em relação à criança e ao adolescente, são medidas que, também, visam sua proteção no sentido de evitar a mendicância, o trabalho precoce, a delinquência e a prostituição.

As escolas que tratam a indisciplina com sanções devem compreender que ela não é um ato infracional, diferenciar as instâncias encarregadas e respeitar os princípios da legalidade, do contraditório e da ampla defesa previstas no art. 5º da Constituição Federal, para evitar atos arbitrários e ilegais do estabelecimento escolar.

Muitas citações de FREIRE são retiradas, mas esta integra o novo Projeto Político Pedagógico (PPP) da seguinte forma:

No livro “Medo e Ousadia”, Paulo Freire faz questão de tornar bem claro o conceito de “diálogo”, pedra fundamental da metodologia do seu ideário. Diz-nos que não podemos confundir-lo com “técnica” nem com “tática” para fazer dos alunos nossos amigos, “isso faria do diálogo uma técnica de manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos” (1986, p.122-3). É do diálogo que nasce a reflexão, a descoberta, a mudança. Para que as concepções da Educação Permanente ao Longo da Vida se efetivem em seus propósitos, isto é, que possam ser resignificados os aspectos éticos e culturais dos sujeitos e construídos continuamente os conhecimentos e as ações que lhes permitam tomar consciência de si mesmos e do seu entorno...

Esta citação me remete a expressão da presidenta do Grêmio,

Não sabem escutar o que a direção pede, o que os professores pedem! Não sabem escutar comaan...doos!. Então não precisa mais ter o Grêmio estudantil. Ah! Essa guria vem aqui e manda! Não é questão de mandar... **Eu só peçooo !!! Entendeu?** Daí, se eu pedir, aih!... sorrindo, linda, maravilhosa, meiga... as pessoas não escutam, **sabe?** E não tem que impor... **Tu tem que saber lidar**, Claro que eu não vou chegar aqui, ai gritando e mandando, né? **porque tudo tem um jeito...** Até várias pessoas gostam de mim aqui no colégio, **não sei quem ...** (risos), mas tem outras que **não suportam, sabe?** Mas a maioria gosta, então prá mim , **a estratégia prá mim, tá dando tudo certo!** (Entrevista com o Grêmio, p.84).

A compreensão de democracia se dá pela participação **nos projetos** e atividades da escola e pelo engajamento nas decisões da autoridade administrativa,

não pela mobilização autônoma e a sustentação dos movimentos dos educandos ou de suas reivindicações. Para eles é um *processo de heteronomia*, por essa razão ocupam os cargos no Grêmio imitando suas representações do quadro administrativo escolar (*de uma forma como diretora; eu era como o vice-presidente, dava opiniões; é que é por causa do ritmo da escola... É assim!*), reproduzindo o resultado de suas interpretações, em suas adaptações, com todas as nuances do autoritarismo, inclusive para definir a extinção do Grêmio. Não tem propostas. Existem tarefas a cumprir, regras a obedecer, subordinação à coordenação de outros segmentos escolares para atuarem. Tornam-se um subprojeto dentro do programa que os gerou e correm o risco de não serem reconhecidos por seus companheiros e pelos docentes se não houver um trabalho coletivo no sentido de obter ferramentas para a cidadania. Sem autoridade, como tarefeiros, um exige do outro o que tem que ser cumprido. A falta de liberdade dá lugar ao autoritarismo, por que se prendem ao poder do cargo, não a sua autoridade para promover encaminhamentos pela força de sua autonomia.

Assim, **a autoridade** tem força e promove a autonomia, informa, conscientiza, liberta; **o autoritarismo** exerce o poder e promove a heteronomia, acorrenta, controla, domina. No entanto, há de se refletir sobre as formas que os diferentes indivíduos **resistem ou reagem** a esses procedimentos que perpassam tanto os setores da administração quanto o currículo e a relação docente/discente em sala de aula (consciência da situação).

A autoridade docente que até este momento não vê na atuação deste segmento a importância que ele tem *até mesmo para a garantia das conquistas no campo da educação e em defesa da classe docente*, dispensa a formação política do cidadão e compromete o futuro da educação emancipatória, capaz de garantir o direito à educação pública e gratuita das classes populares, dignidade e promover mudanças sociais.

A mudança do PPP durante esta nova administração municipal é sutil quando retira deste a indicação do segmento estudantil e da comunidade de pais e responsáveis e os coloca **no regimento normativo da escola (RI)**, deixa de referir “gestão democrática” nas entradas de capítulos e substitui por Equipe Multiprofissional no PPP e Gestão no RI. Isso aponta para uma concepção

hierárquica onde a estrutura administrativa estabelece o lugar dos segmentos que não estão indicados no PPP e coloca algumas condições para sua representatividade, como a frequência. **Quando é que uma administração teme ou restringe a participação do estudante?**

Professores e educandos, pela relação comum que se estabelece entre eles no campo da educação – **o conhecer** -, pelo compartilhamento do processo do conhecimento, pela experiência educacional, se compreenderem o fenômeno da autopoiese, podem se tornar **forças atuantes** na sociedade para combater o autoritarismo daqueles que se impõem pelo poder e negligenciam “a vida” em prol da existência pessoal ou pelo poder que detém.

À citação de Freire no NOVO PPP, acrescentarei a conclusão de sua fala com Ira Shor, em Medo e Ousadia sobre a importância do diálogo:

[...] Ao contrário, o diálogo faz parte da própria natureza dos seres humanos. E parte do nosso processo histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. Está claro este pensamento? Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. Outra coisa: na medida em que somos seres comunicativos, que nos comunicamos uns com os outros enquanto nos tornamos mais capazes de transformar nossa realidade, somos capazes de saber que sabemos, que é algo mais do que só saber.

Trata-se do ponto de encontro entre as concepções de Durkheim, Maturana e Varela e de Paulo Freire: a sociedade, os fatos; a autopoiese, o conhecimento, e o diálogo, a linguagem para compreendermos as forças de coerção em movimento e o comportamento humano nas relações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa fica claro o processo de circularidade, reflexão permanente e, pela *análise das entrevistas*, que a formação do Grêmio se constituiu numa “montagem”. Porém, também foi possível perceber, pela descrição que cada um fez do processo, quantas realidades apareceram para cada um e, nestas, me incluo, ainda que após todo o trabalho de análise. Analisar o *fazer e o conhecer* a partir da concepção biológica de autopoiese implica entender a ação sempre a partir do próprio sujeito, pela sua capacidade autopoietica no *fenômeno da vida* (o indivíduo como sistema autônomo) e compreender esta experiência como **algo íntimo**, de acordo com o que cada um pode expressar em seu presente existencial, no processo adaptativo com o Outro, com o meio. Sob este aspecto, a pesquisa sobre a formação do Grêmio evidenciou que *ninguém é ignorante*, pois se apresentam com a mesma capacidade de autonomia e conhecem num total isolamento, transcendendo suas interpretações **na oportunidade das relações** que estabelecem. Isto faz da convivência na escola, no Grêmio e na gestão escolar, *um momento especial*, transformador para os educandos pelo uso da linguagem como mediadora na ação comunicativa para que reflitam sobre seus próprios processos e reações, constituindo sua identidade discente. Da mesma forma, compreender o **comportamento** como algo externo a esses sujeitos que se relacionam, **descrito por um observador**, como eu fiz ao analisar suas falas e lembrar suas expressões, pelo recurso da escrita, representa ter que respeitar o que cada um de nós pode ser, pela razão que *esteja*, no acontecimento de cada momento, porque o que *seremos* está em processo e o que *estamos* está determinado pelo que podemos **no agora**. O Grêmio pode não libertar-se tão cedo de ser um projeto ligado a mesma docente que indicou a sua criação como *meta de atividade de multiplicação de aprendizagem sobre democracia e participação no Programa* que, também, coordena, mas isso criou um **compromisso** para toda a escola, devido aos seus princípios, não mais somente com aqueles que participavam do Programa desde 2009. Esta reflexão já acontece de sua parte, na tentativa que faz de repassar esta tarefa que ninguém aceita. Enquanto se dá tempo ao tempo, se houver **consciência administrativa** do que isso representa, haverá uma **ação docente conjunta** no sentido da **formação cidadã**, que supram as questões pessoais (heteronomia); coletivas (mobilizações); internas (gestão democrática); e externas à escola (aprendizagem cidadã). Oferecer

a estes a condição de interpretar esse fenômeno na caminhada educativa e dizer-lhes que, como seres humanos, podem **transcender seus impulsos** e *refletir sobre suas ações adaptativas na convivência* é o tempo que cada um precisa para **aprender de si próprio** na relação com o Outro. Significa dizer que o homem é educável pela sua capacidade de reflexão devido à flexibilidade que seu sistema nervoso oferece de se **autoconhecer pelo modo como enfrenta o mundo** que o provoca o tempo inteiro.

Assim, a partir deste estudo, compreendo a **dodiscência** como uma **ferramenta permeável** à humildade (saber que ninguém é ignorante), à democracia, à participação e ao diálogo. *É a relação entre a autoridade docente e o discente, que reconhece no “fazer e conhecer de ambos” a natureza autopoietica que os caracteriza como humanos, e entende a necessidade de transcender a experiência pessoal pela liberdade na comunicação através da linguagem. É a consciência da autoridade docente, ao criar um espaço de liberdade para a interação, que possibilitará a mesma condição ao educando – autoridade no que faz. Esta convivência é uma disposição comportamental, no agora, para mútuas aprendizagens, porque mesmo compartilhadas são diferentes para cada um, daí a riqueza do processo, devido a autopoiese.*

A dicotomia entre modelo e realidade, entre a *heteronomia* e a negação dos fatos, é o que chamei de COMPENSAÇÃO REFLEXIVA: harmonia/controle ou violência/autoritarismo, e serve para justificar o modelo. A atuação dos estudantes por representações, ao conhecer a prática dodiscente poderá analisar politicamente estas questões e compreender o espaço democrático. O programa pediu uma tarefa, criou um acontecimento e gerou um fato no espaço escolar – o Grêmio estudantil. O controle produziu a heteronomia e o autoritarismo. Mas os processos autopoieticos, de autonomia e cidadania não são lineares. Por isso, esta experiência do Grêmio analisada pode considerar esse aspecto com fundante, assim como a importância da atuação docente. Então eu diria que o sujeito está para o autoconhecimento, para a descoberta de suas **forças** interiores, sua autoridade – o saber que liberta; e o mundo para o acontecimento, a luta pelo **poder**, o autoritarismo que escraviza o conhecer de cada sujeito com que se relaciona. A oportunidade de refletir sobre a obra de autores da área da educação, sociologia, biologia e filosofia permitiu visualizar uma rede de relações e perceber que nada está separado.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual Prático**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DURKHEIM, Emile. **As regras do Método Sociológico**. 12ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. 128 p.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O cotidiano do Professor**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 119 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 52ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2015. 144 p.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. Rio de Janeiro: Cortez, 1996.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. 8ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2010. 283 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOEMS, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado Humano**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 315 p.
- PAVIANI, Jayme. **Problemas de Filosofia da educação**. 4ª ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1988. 119 p.
- PUGLISI, Maria Laura; FRANCO, Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora Ltda, 2003.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa Documental: Pistas, Teorias e Metodologias**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, Ano I, nº I, Julho de 2009.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 26ª ed. Campinas - São Paulo: Editora autores Associados, 1992. 104 p.
- SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; ALMEIDA, Regina Célia. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora Ltda, 2002. 87 p.
- TEIXEIRA, Cícero Marco; COLLA, Anamaria Lopes; VARGAS, Alba Gonçalves de. **Um referencial para o estabelecimento de Regras de Convivência Solidária no Colégio de Aplicação**. IN: Educação e Realidade, Porto Alegre: UFRGS, FAGED, 1976. 94p.
- YIN, Robert K. **Estudo de Caso - Planejamento e métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 209 p.

APÊNDICE A

Transcrição de entrevista com o Grêmio estudantil e com professora que orientou a organização dos estudantes. Em 07/06/2017 às 15:30h, Quarta-feira.

Nota; indico pausas na fala com sequência de pontos.

Após entrega de termo na direção e participação em reunião semanal que realizam para se organizarem, todos concordaram com a gravação da segunda parte deste encontro: entrevistas agendadas comigo na semana anterior. Já havíamos feito nossas apresentações na reunião do grupo:

Sou acadêmica da UFRGS. Estou fazendo um trabalho. O meu TCC é sobre a formação do Grêmio estudantil, que eu vi acontecer no ano passado, e aí eu gostaria, então, de fazer esta entrevista com vocês e tirar alguns subsídios para o meu trabalho. Bom! *A primeira pergunta ... Assim..., eu queria que vocês me contassem **como é que foi a organização de vocês o ano passado. Como é que vocês se mobilizaram? Assim... O que motivou vocês prá organização?***

Presidenta: Veio um advogado aqui prá trazer, veio ele e mais uma menina do Grêmio, da UFRGS. E... é da UFRGS! Eles vieram com uma proposta de criar um Grêmio estudantil aqui na escola. Ahh! Prá gente... Prás manifestações... Eu não me lembro se eles vieram prá criar, ou se eles vieram prá convidar... Eu acho que eles vieram prá convidar o grêmio estudantil aqui prá participar das manifestações que teve contra a PEC 55 e depois outras manifestações que teve. Mas, aí, ele veio aqui e não tinha o grêmio estudantil na escola e aí ele explicou como era o grêmio estudantil, antes de tudo, o que tudo mundo faz e daí então que surgiu a proposta da gente criar aqui no colégio, que daí até a professoraque nos ajudou e que perguntou prá nós se a gente queria, quem que tinha interesse. Daí eu fui a primeira (risos) Eu fui a primeira a me candidatar.

*MH: E o que te motivou, assim... **O que te motivou mais?***

Ahh! Eu acho que as pessoas tem que saber lidar umas com as outras e eu acho que a harmonia é a base de tudo, né? Então, se aqui no colégio a gente tem uma harmonia, tem um ambiente que é... ahh! como é que eu posso dizer... um ambiente agradável! As pessoas vêm prá aula. Se é um ambiente que é chato, que ficam

fazendo bullying, que ficam gritando, que ficam fazendo... sabe... ninguém se fala... as pessoas não vão vim!

MH: E a quanto tempo tu estás na escola, aqui?

Eu to faz um ano, entrei em março do ano passado. É tô a um ano e alguns meses.

MH: E vocês três estão a mais de um ano na escola? (Dois rapazes e uma jovem).

Eu vou fazer um ano agora (20 anos); eu, faz um ano (18 anos); eu to a cinco anos (a jovem – mais adiante aparece sua idade 43 anos).

Como é que a escola apoiou esta iniciativa de vocês, na ocasião?

Presidenta: Apoiou bastante até... (risos).

MH: E que lembranças vocês tem, assim, destes acontecimentos, daquele momento em que vocês estavam formando o grêmio? Que tipo de acontecimentos, assim, ah... Vamos dizer, assim que tenha colaborado, naquele momento, prá impulsionar ? O que é que vocês acham?

Presidenta: Os protestos, até mesmo os alunos também. Ahh... O pessoal que tava se formando o ano passado na T6... porque a gente começou com esse movimento da gente formar o grêmio estudantil... foi bem no final, já tinha passado de julho, né? Que agora em Julho tem a primeira leva de formatura e depois é só no final do ano. Então, o pessoal que tinha avançado e tava ali na T6 prá se formar em dezembro, aí eles é que nos ajudaram.. Meteram pilha que... não... vamos fazer... Daí nós, que a gente era da T5, ah... que a gente se organizou, aí chamou o pessoal... daí passava em todas as turmas, a gente conversou com todo mundo, a gente fez várias reuniões prá ver o que a gente ia fazer... alguma coisa assim... e prá começar a se mexer e fazer o grêmio estudantil. E até, no protesto, foi bastante gente! Foi bem legal! A gente foi no protesto da PEC 55, e aí depois que começou a história do grêmio estudantil. Daí eu trouxe um cara prá fazer oficina de Capoeira, aí a gente fez umas outras oficinas e daí deixou prá esse ano porque a gente não tinha... ahh..., assim, um tempo prá fazer. Era só aquele... Deu, acabou o ano. Então esse ano a gente tá se organizando prá fazer mais coisas, né? O máximo de coisas!

MH: Prá ti, assim..., o que o grêmio significa? Prá ti.

A Jovem do ambiente: Eu gosto de ser do grêmio porque o grêmio, ahh.. é... como é que eu vou dizer?... o grêmio... se.. se...o grêmio faz a voz de toda a escola, estudantes, das manifestações, de tudo que nós queremos...

MH: Tu, então, faz parte do meio ambiente?

Do meio ambiente.

MH: E o que significa o grêmio, o que vocês acham que o grêmio significa prá escola? Considerando que é a primeira vez que está se formando. O que tu achas? (a Jovem repete a mesma fala)

A harmonia, a união... *(precisa de tempo para se expressar)*

Aluno do ambiente: A harmonia...

MH: Por que vocês se referem à harmonia? Pelos casos de violência? (na semana em que estive na escola para marcar as entrevistas, no mesmo dia, houve três casos de agressão; Presidente interrompe fala do rapaz:)

Presidenta: Exatamente. Porque na rua tem muito aquele caso assim: ahh ela é deficiente, ah, então, tipo... não vamo dá moral prá ela, não vamo falá..., ou senão as pessoas são apagadas, são deletadas da sociedades, e ahh... ahh... porque é baixo demais, também sofre preconceito porque é gordo demais... Então aqui é uma escola que não tem preconceito! Claro que sempre tem as picuinhas, mas não é que nem escola regular, que ela... sabe... surge prá todo colégio... tem ali, mas ela ta... sempre tem um que: - não pára né!... vamo... Pará um pouco! E, eu acho que aqui é uma escola maravilhosa... que acolhe todo mundo. Que não tem essa coisa... todo mundo se respeita. Quando já começa o desrespeito, quando já começam aquelas frescurinhas todo mundo já pára... É uma coisa que é automática. Não precisa mandar. Entendeu? É que é por causa do ritmo da escola...É assim! Aqui, quando eu entrei... ahh...o pessoal, assim, nossa!... Me acolheu super bem, sabe? Eu achei aquilo muito bacana, porque em outras escolas não! Ah Tu é nova? Então tá! Então tu vai ficar aí de canto até tu querer fazer uma amizade, entendeu? Já quando eu entrei aqui... No primeiro dia de aula já tinha um amigo. Já falei com um monte de gente, sabe? Então eu acho que aqui é uma escola bastante harmoniosa.

Jovem: E a harmonia acima de tudo... Eu, eu , quando entrei aqui, o colégio excelente... (MH: à 5 anos?) a 5 anos atrás ... tem... é....canto, aula de canto, violão... Tem várias coisas aqui! (MH: sim... que ajuda, né?) Que ajuda! Eu faço artesanato na sexta feira, tem o fuxico, tem várias coisas... é o que nós alunos podemos fazer...! Sem estar no horário de aula!

*MH: Ahh... Bom! Esta reunião que a gente teve um pouquinho antes aqui, e é a reunião que vocês fazem todas as quartas, ou quinzenalmente... **eu vi que ocorreram algumas mudanças na direção de vocês, né?***

Jovem do ambiente Sim, a nossa vice-presidente foi pro... foi prá outra escola (MH: sim!)

Presidenta abafa a fala da Jovem: Sabe o que é que acontece?... É que aqui é bastante diferente. Vai muito do interesse das pessoas. É que nem aquela hora que eu falei... se tiver uma atividade que vai do interesse da pessoa, de si própria aí a pessoa participa.... Se não é do interesse dela, aí, então, ela vai embora.

MH: O tesoureiro... também teve mudanças?

Presidenta corta novamente a fala da Jovem (tem dificuldade com a dicção, mas é firme para se colocar): Ela quis sair porqueee... A Jovem retoma: a Brenda... tesoureira antes... saiu e agora... (Corte novamente da presidente)

Presidenta: e muita gente do ano passado que tava... já saiu do grêmio... saiu do grêmio, nem porque saiu da escola!...

MH: Qual a maior dificuldade de atuar? Esta questão, por exemplo de vocês terem que estar sempre com um professor da escola, ahh.. junto com vocês prá poder abrir o grêmio e fazer atendimento, como é que faz?

Presidenta: Não ali prá abrir o grêmio quem abre sou eu. Qualquer um que seja da diretoria pode pegar a chave (fica na direção da escola e só entra na sala se há atividade programada) e abrir ali e deu, entendeu? Só que acontece que muitas coisas somem da escola. **Vamos supor...** A gente botou ali, **vamos supor** que a gente tava olhando até dinheiro ali dentro e daí quando eu..., é hoje de manhã... Daí o pessoal da tarde veio ali, daí mexeram no dinheiro, foram mexeram nos documento e mexeram nuns negócios... No outro dia **quando** precisar **já não vai ter**

mais nada, entendeu...? Então sempre fica aquela mesma coisa. Eu venho de tarde abro o grêmio, eu venho de manhã abro o grêmio, venho noutra horário abro o grêmio ...

MH: Fica sempre responsável por isto? Tá! Vocês organizaram um Estatuto, então, a partir de um debate? Como é que foi?

Jovem: Não, não. O grêmio só começou depois que o Estatuto foi aprovado. Até aí o grêmio não tinha começado!

MH: Quando aconteceu a eleição da chapa vocês já tinham o Estatuto em mãos? Já tinham feito o Estatuto, então? Quando houve a eleição da chapa vocês já tinham o Estatuto e este Estatuto foi discutido com vocês ou foi o advogado, na época, que...

Presidenta: Não. Isso aí, nós com a professora (MH: Professora.....? ah, ah, os papéis?...Ah! Então, tá!) Segue: Depois ele só encaminhou... a.. a questão mais formal? Isso!...

MH: E como vocês acham que os professores veem o grêmio, a atuação do grêmio?

(Risos) Presidente: Alguns até gostam!

Dois rapazes tentam se manifestar (MH: **Queres falar?**)

Todos se manifestam juntos : Esporte: Tem alguns professores que acham que é uma perda de tempo! Mas, outros acham que é importante. (MH: **Mas perda de tempo por quê?**) Acham que a gente vem aqui prá baixo prá ficar brincando! (*Presidenta interrompe dois que tentam falar*: Eles acham que é para matar aula e muitos entram prá matar aula!) Risos!

A Jovem faz um esforço para comunicar: nem sempre nós, nós podemos sair às 2 horas!... Eu, por exemplo, eu tenho geografia no primeiro horário, eu o o Esporte. Ah... Aí eu pedi prá professora falar com a professora de, de geografia prá me liberar senão ela não...

Esporte: Sim, agora os professores estão vendo que isso aqui é de verdade e eles estão aceitando

MH: E como vocês gostariam, assim..., que o grêmio atuasse, o que vocês pensam em relação a isso?, Propostas...

Aluno do ambiente: Seria uma coisa boa para a escola. A escola já é boa. A gente ... tipo...O grêmio na escola como nunca teve antes...(Colega: Nunca teve Grêmio estudantil...). Continua: Melhora as recreação, fazer várias coisas assim...

MH: E vocês têm reunido para definir algumas pautas em relação a isso? Pontos determinados?

A Jovem diz ao colega do ambiente: Fala do projeto que nós... Ele: Projeto bem diferenciado, é do meio ambiente; aí tem que ser um por um, mas tem que ser assim... (corte da presidente)

Presidenta se adianta: Não! Mas, a gente tem itens assim de várias, das várias diretorias que tem dentro da direção!... dentro do Grêmio estudantil (risos). Daí..., tipo assim, ahh, que nem eles tão no meio ambiente, entende? Eles tem as propostas deles do que eles vão fazer, então fica tudo pontuado, entendeu? Então prá cumprir aquilo, entendeu? Todas as categorias (os departamentos do Grêmio) tem alguma coisa prá ser cumprido...

MH: Vocês falaram, também, que o grêmio, assim... vocês estão utilizando esta sala e que tem reformas... e tudo... Como vocês estão utilizando ela, efetivamente, prá essas oficinas que estão acontecendo? É aqui que está acontecendo?

Aluno do ambiente: A gente está utilizando a sala prá não sentar aqui no sofá e discutir aqui no sofá, né? (a escola tem alguns sofás disponibilizados num amplo espaço onde acontecem eventos e o recreio). Temos os nossos materiais prá não sair pedindo prá professoras.....

Novamente corte da presidenta: é uma organização nossa, que a gente tá organizando... **Ele retoma a fala:** ... fazer tudo mais organizado e não fazer tudo na hora, assim... ; continua a presidenta, simultaneamente:

MH: E as oficinas acontecem aqui na sala de vocês?

Presidenta e a Jovem, juntas: aqui na sala ou na sala de aula.

MH: Quando a sala é pequena acontece aqui neste ambiente? tá. Que é logo, próximo, da salinha. (do grêmio) Os estudantes procuram vocês prá discutir algum tema, assim, que diga respeito a organização da escola? Resistência para início das falas

Presidenta: Sim... (**enfático e ri**). *MH: Quem é que gostaria de falar um pouquinho agora? Aluna do Ambiente: Quer falar? (pergunta ao colega de departamento) E ele: Não, eu a recém cheguei! MH: Eu acho que eu vou precisar de ti prá responder depois a sua pergunta....????? (tumulto) Alguém sabe, então, que tipo de demanda vem dos estudantes? A respeito da organização da escola, algum descontentamento, alguma coisa que queira... trazer... Por exemplo, na sexta feira eu estive aqui...*

Presidenta: mais são cobranças... Aluno do ambiente: cobranças e opiniões; **segue presidenta**: Por exemplo, ahh: - vocês disseram que nesta sexta feira vai ter tal oficina e aí não teve, e daí vocês falam que vai ter tal coisa e até agora nada!... Que nem o negócio das carteirinhas do TRI e o cadastro nos lugares de estágio e também,... tipo... o pessoal procura... E agora, graças a Deus, eu tô conseguindo organizar isso.

MH: Mas de que maneira vocês acham que o Grêmio pode ajudar na reivindicação, assim... dos estudantes, esses,...as vezes descontentamentos, demandas mesmo, de uma oficina, ou uma coisa... assim... vocês sentem que os estudantes procuram vocês?

Presidenta: Procuram. Ou até mesmo um problema de relacionamento com o colega, qualquer coisa assim... Sempre procuram! E a gente sempre procura harmonizar. Por que não tem motivo, sabe?!...

MH: Como o incidente que houve na quinta..., acho que foi...? Que teve uma briga entre duas meninas.

Aluno do ambiente: Uma briga tosca, tipo, não tem por quê aquela discussão:

MH: Isso... , e aí o pessoal procura vocês?

Segue: a menina não entendeu e daí a outra menina tentou explicar de uma forma....Ahh...assim de **uma forma como diretora**, e a guria entendeu tudo errado e partiu prá ignorância. **E já se acabou e já se encerrou e já foi...**

MH: Então tá!

Complementa: E a menina nem deve se lembrar!

Presidenta: E porque comigo não é assim... é oito ou oitenta! (*Risos*) e daí até ali, que nem eu tinha dito nos jogos... os guris , ahh! Qualquer coisinha tão jogando. (*suspiro!*) Ah! Daí jogam meia hora normal e daí daqui a pouco, eu não sei o que acontece, baixa uma entidade neles (*risos*) e daí eles começam a se peitar... sabe? Uma loucura (*todos riem*). Daí vem eu, né?, a, a chata, xaropona, insuportável, tem que dar uns gritos, tenho que tirar..., daí eu tiro, porque senão eu tenho que suspender o jogo. E é assim! Ou tu sabe lidar com as pessoas, ou tu sabe jogar ou tu sabe fazer tudo numa boa ou senão tu não sabe mais!... Porque daí eu não vou mais fazer. Por que o jogo corre o risco de não acontecer mais!... Se as pessoas não cooperarem não vai acontecer mais!!!. Não sabem lidar com a sala. Não sabem escutar o que a direção pede, o que os professores pedem! Não sabem escutar coman...doos!. Então não precisa mais ter o Grêmio estudantil. Ah! Essa guria vem aqui e manda!... Não é questão de mandar... Eu só peçooo !!! Entendeu? Daí, se eu pedir, aih!... sorrindo, linda, maravilhosa, meiga... as pessoas não escutam, sabe? E não tem que impor... Tu tem que saber lidar, Claro que eu não vou chegar aqui, ai gritando e mandando, né ? porque tudo tem um jeito... Até várias pessoas gostam de mim aqui no colégio, não sei quem!, mas tem outras que não suportam, sabe? Mas a maioria gosta, então prá mim, a estratégia prá mim, tá dando tudo certo!

MH: Hã, hã... Bom, já que tu já falou um pouquinho do que representa prá ti este tipo de liderança, prá ti que está no cultural, (no esporte, diz o rapaz), então tu poderia falar um pouco o que esta liderança dentro do grêmio significa prá ti, pensando ...

Eu fico mais dentro da sala de aula, os professores não deixam muito eu sair. Quem pode falar é a (*a pessoa não está na reunião*)

MH: *É... eu digo na participação do grêmio, esta oportunidade de estar com o grupo pensando a organização desse coletivo aqui que representa o segmento estudantil, o que é que isso significa prá vocês... a importância disto? (Todos se omitem por instantes. Silêncio e olhares!).*

Aluno do ambiente: Em geral? (MH: **É, no geral!!!**) ... **Ele:** Um aprendizado diferente! Uma responsabilidade diferente. Em poucas palavras é isso. MH: Sim... hã, hã... **vocês acham que isso aponta prá algo que vá beneficiar fora da escola?** **Ele:** Depende de várias pessoas, de vários estilos... várias pessoas vão aproveitar! MH: **Outros não?** **Ele:** ...não sei pros outros, mas prá mim no futuro vai trazer bastante experiência! MH: **E a respeito da escola nunca ter se organizado com o grêmio estudantil?** (a Presidenta, que havia se calado, se afasta e diz que já volta).

Aluna do ambiente tenta falar: é que antes não tinha... (**corde do colega que segue no seu assunto**):É que a escola tá organizada... quando a gente não consegue fazer algo a gente chega para um professor e pergunta, se precisa de um apoio é só chegar no professor e falar, se a gente não consegue fazer sozinho..., dá uma base de como fazer...

MH: **Quanto tempo tu estás na escola?** desde 2004... MH: **sim, mas tu nunca te questionou o porquê a escola nunca se organizou ... Diz ele:** Mentalmente já me questionei, me perguntei. MH: **uma resposta te veio?** a resposta que me veio é porque de certo... eles não pensaram porque **se** um aluno chegar na escola e falar: **por favor professor deixa montar um grêmio estudantil** na escola eu não saberia qual seria a resposta dos professores... Tanto que eu nunca soube!... Hoje em dia **do nada assim eles resolveram montar... Não sei como, nem por quem, nem quando, só sei que montaram... Aí eu me inscrevi e to no meio ambiente...**

MH: **Mas..., nesse tempo que tu estás na escola tu pensaste alguma vez em organizar, então? E não fizeste nenhum movimento? Por que?**

Ele: Ah... são vários pensamentos: os professores ocupados, eu ocupado, são vários colegas que não se interessam... MH: **Tu te preocupou com o compromisso de cada um?** É eu me preocupei com o meu compromisso...Antigamente eu era outra pessoa... Neste ano eu sou outra pessoa, é

mais pessoal, mesmo. *MH: Tu diz em relação a maturidade? Tu acha que hoje tu tá mais preparado? E aí essa questão te chamou uma indagação prá ti mesmo: eu quero, mas será que eu encaro?* Eu sabia o que era um grêmio estudantil, eu fiz um curso e neste curso tinha um grêmio estudantil, eu não cheguei a fazer uma chapa, eu era mais ou menos um conselheiro, de perguntar pá mim, ter ideias, então, não cheguei a ser do esporte, da comunicação, da rádio... eu era como o vice-presidente, **dava opiniões**, por isso que **eu me encaixei aqui no grêmio estudantil... É só!**

MH: Bom ! a respeito do aprendizado, vocês gostariam de colocar mais alguma coisa? O que vocês acham que essa discussão esse trabalho com o grêmio pode trazer de aprendizado prá cada um de vocês?

Esporte: Acho certo, mas não sei explicar!

MH: Uma questão assim... sei lá... cidadania? Vocês já pensaram a respeito disso?Essa oportunidade do diálogo...

Aluno do ambiente: Tem que ter diálogo. Prá ti participar de um Grêmio estudantil, tu tem que ter diálogo, tu tem que **falar algo diferenciado** prá poder ir de atrás daquilo que tu pensou prá colocar numa escola, Uma escolaa!... **tem que ser bem feitinho, tem ser um diálogo bem diferenciado, bem pelo certo** e isso vai ajudar nós a frente na nossa vida porque algum dia a gente vai ter que ter o mesmo diálogo que a gente teve aqui prá uma entrevista de emprego ou se o aluno for já um empresário aí vai ter um diálogo muito maior do que o aqui . Aqui a gente recém tem, não chega a ter mais que 25 anos. Ninguém tem mais de 21! Esporte: 23; *MH: Tu tem mais de 20?* aluna do ambiente: Eu tenho 43; *MH: Tu tá brincando!!!;* a Jovem: Sério! Sou de 74; *MH: Não acredito!!!,* Outro: Eu tenho 18; *MH: Imagina! Tá conservadíssima! (risos) Bom, alguma outra coisa que vocês gostariam de colocar em relação ao grêmio, expectativa... Todos falaram meio juntos; gravação ruim. MH: Eu pensei: Quando houve a composição da chapa, houve a eleição , alguns de vocês foram a Alemanha? Não era ninguém do pessoal que foi na viagem? Foram outras pessoas. É que o projeto que a vê a questão do protagonismo do estudante...*

Aluna do ambiente: Foram outras pessoas. *MH: Então tá pessoal! Muito obrigada.*

Entrevista com professora, 40h: História (noturno) e Biblioteca (tarde).

*MH: Colocar um pouco aquelas questões que a gente falou na primeira... Prof: Tu diz do início? MH: é do início... do projeto, **quando houve a organização inicial do grupo, o que é que mobilizou e tal...como foi a tua entrada ..***

Prof: hã... então, foi através de um projeto que... eu fiz aqui na escola, que eu já faço com o desde 2009, que é o intercâmbio entre jovens, hã... jovens estudantes de PoA e da Alemanha e são... é um projeto que trabalha democracia e participação juvenil, então... hã..., a partir destes jovens que trabalharam com o intercâmbio, que participaram do intercâmbio com a Alemanha, nós propusemos, numa das atividades de multiplicação das aprendizagens que eles tiveram, seria ajudar a montar um grêmio estudantil dentro do, por quê? Já houve uma tentativa de montagem de grêmio estudantil aqui, por parte de uma professora do SOE, à muitos anos atrás, no início dos anos 2000, eu acho,.... acho..., não tenho certeza da data..., mas, enfim..., não, não teve procedimento, prosseguimento...não teve continuidade, teve várias dificuldades... e como o, ele foi, (acho que não vai dar para gravar? *MH : dá ele é bom, ele grava bem;* prof: agora vem uma turma...(MH: *mas é mais é focado nisso aí...*) **segue:** então nós fizemos....uma das ações a montagem do grêmio estudantil, convidamos outros grupos juvenis, prá vir aqui na escola falar sobre o que que era um Grêmio.... convidamos grêmios de outras escolas prá virem dar seu relato, *MH: Isso tudo no semestre passado?* Prof. : Tudo no semestre passado! *MH: Antes de Julho?* Prof: depois, foi a partir de agosto, setembro, ou algo assim, setembro; e , então fizemos, passamos em todas as turmas prá ver quem tinha interesse de montar uma chapa, montamos uma comissão eleitoral, essa comissão eleitoral, dos estudantes... **ajudou** a preparar o regimento interno do grêmio estudantil, adequando um modelo, ao modelo da realidade da nossa escola, com a discussão junto com a coordenação pedagógica, com a direção, enfim, né... ao passo em que a coordenação pedagógica que passava as informações pros professores, né?e... fizemos a eleição, fizemos a aprovação desse Regimento numa assembléia de alunos e mais a eleição deste Regimento (quis dizer, aprovação), e mais a eleição, aí por aclamação, que foi a opção que nós fizemos, ao invés de voto por aclamação (MH: **Eu me lembro, estava participando ainda**), neste primeiro momento, primeira eleição por aclamação, agora não sei... podemos mudar, né? a forma, na próxima eleição, então

montamos o grêmio, que, na verdade, **acabou se formando bem no finalzinho do ano passado**. E aí, esse ano, nós estávamos ainda como uma certa dificuldade de organização pela questão das **mudanças** que a escola... da **insegurança** que a gente tava vivendo nos primeiros meses, **de não saber se os projetos da escola continuariam**, ou não, **em função da secretaria...** e também da, de como é, de **quem é que ficaria acompanhando o grêmio estudantil, né?** Quem é que acompanharia o Grêmio? Então eu meio que comecei o ano... meio que **fazendo a passagem dessa mediação do grêmio** prá professora da coordenação cultural, prof. ..., e prá professora da coordenação pedagógica, prof., elas acompanhando as primeiras reuniões, que ficaria com o cultural esse acompanhamento do Grêmio...e daí, no fim, no rodar da..., da carruagem, **a gente acabou fazendo uma reunião e discutindo que ficaria como um dos projetos dentro da biblioteca, aonde eu to lotada agora.**

MH: A questão do Grêmio, ou o acompanhamento? Prof.: O acompanhamento. eles recém tinham iniciado, né?

MH: Mas há a necessidade deste acompanhamento? Como fica a questão da autonomia deles para atuar?

Professora: Ahh...Eles tiveram, por exemplo, no final do ano passado eles recém tinham iniciado, né? Recém tinham **iniciado a montagem do Grêmio** e no início desse ano eles tiveram, praticamente março e abril prá se organizarem e ficou muito sobre a (Presidenta) fazer as coisas,... chamar....(*MH: E essa entrada e saída de pessoas?*) entrada e saída de pessoas, saíram alguns do Grêmio, até por desentendimento mesmo com ela, que ela tem um jeito..., assim, tá aprendendo a lidar com a questão da autoridade. Então tinha muita reclamação em relação a maneira como ela tratava os colegas (*MH: De equipe mesmo?*)De equipe mesmo, né!, mas é um aprendizado, faz parte... então eles tiveram esses dois primeiros meses e não conseguiam, eles não tavam conseguindo se organizar *MH: De mais... de atribuições... assim...* Professora: É..., então tem essa questão de tempo para uma pessoa que faça essa mediação dentro da organização deles. Agora, em finalzinho de maio, que dá prá dizer que as coisas tão começando, tipo a poeira tá baixando (*MH: É uma construção.*) Professora: começando a se organizar, de estabelecer, saber que eles tem que ser avisados que tem reunião... (*MH:Ter*

responsabilidade com horário... ; na reunião que precedeu a entrevista alguns integrantes do esporte foram para a praça, sabendo do encontro)

Professora: Porque eles esqueciam . A(presidenta) mesmo teve umas 4 reuniões no início , do... do..., deste ano, que ela não veio; eles vinham e ela não vinha; depois ela vinha e mudava todas as coisas... porquê ela não tinha participado da reunião, então ela não sabia das coisas que eles tinham combinado e ela mudava os combinados e eles ficavam bravos... Agora, também a gente tava recém fazendo, refazendo o mural, que o mural do ano passado eles não fizeram, então eu acabei fazendo o mural, Tal.... ali... e agora eu pedi prá eles pendurarem, mas eles não tem o hábito de olhar... e ver... lá prá ver lá: ahh? em que dia que vai ser a reunião? Nem todo mundo tem whats App, então tem que passar e avisar, tem que chamar no dia, não dá prá chamar no dia! Oh! Agora tem reunião... Então é uma questão deles, de aprendizado deles, deles se organizarem, e eu to sentindo, o que eu to percebendo é que a recém agora no final de maio que eles tão começando a pegar um pique **que não é nem de grupo**, eles, **como tu percebeu**, hoje já tinha dois novos, **e que ninguém sabia**. Então fica uma coisa, **uma coisa meio estranha**, porque ou é uma votação, uma eleição... por isso que eu disse: ahh, sejam bem vindos! **Não é assim que se organiza...** não é a presidenta que muda... (MH: **não é só desistir e chegar de novo...**) agora eu vou chamar o meu namorado ou o meu amigo, que era o caso ali (risos) É que era o namorado e o amigo! (MH: **Só prá fazer o quorum...**) ou prá eles ficarem no lugar de fulano que eu não to gostando do fulano que não tá fazendo. Então essas coisas que eles precisam ter essa medição de acompanhamento mesmo, mas eu acho que eles tão bem, eles tão começando. **As gurias tem muito mais participação do que os meninos. Isso é uma coisa bem interessante, esta questão de gênero.** (MH: **As meninas?**) Prof.: As meninas. Elas tem um **poder decisório**, assim,mais de grupo e os meninos estão aprendendo a se colocar, mas não muito. Dá prá se perceber, e esse, por exemplo, hoje..., participaste de uma reunião que, na verdade, foi meio atípica porque tinha um menino que participou bastante, mas ele veio hoje (Esporte) e, mas os outros meninos não, alguns já trabalham... (MH: E o Aluno do ambiente, ele faz parte? Ele é integrante novo?) Prof.: Ele é deste ano (MH: **ahh... tá porque ele disse que sempre teve vontade de organizar, mas não sentia o compromisso dos colegas**, então... Professora: Ele é da noite, do grupo da noite que

permaneceu, mas ele não foi, ele não participou da eleição o ano passado, e esse ano, como ele queria entrar e só tava a (Jovem) no meio ambiente, que o outro menino da manhã saiu, então a gente fez uma **eleição interna**, dentro do grêmio mesmo, com votação, **aí prá essas trocas...** como eu te disse não é a presidenta que decide, **no fim ela tá brigada aí coloca o amigo... pro meio ambiente...**

MH: **e desse grupo, dessa chapa que foi eleita, naquele momento, alguns daqueles foram a Alemanha nesse projeto?** Professora: Não estes todos já se formaram. MH: **Ahh! Todos já se formaram! Mas nenhum deles teve a iniciativa de organizar o grupo?** Professora: Sim, eles que participaram do processo. O **impulso inicial foi deles**, mas eles já estavam quase se formando. Alguns, como o projeto tem dois anos de duração, e aqui nessa escola os alunos avançam a qualquer momento... uns deles, já tinham até se formado, mas continuavam vindo aqui prá ajudar na organização do grêmio. MH: **Ahh... Então, tá!** Professora: Alguns se formaram no final do ano passado, mas outros já tinham até se formado e voltaram aqui prá participar da organização do grêmio. **Então é...., porque aqui é muito dinâmico, as vezes eles não ficam nem um ano na escola.**

MH: **E os rapazes deste grupo que reuniu conosco nesta reunião que a gente teve um pouco antes da entrevista, ahh... também, me parece que eles tem uma perspectiva, assim, de dar esse apoio, de organização do grupo né? Do levante popular da Juventude?**

Professora: Sim, porque daí, nesse processo de trabalhar a questão da participação juvenil, o protagonismo juvenil, etc, como eu te disse, eu trouxe o pessoal que era de outros grêmios escolares, trouxe movimentos populares de juventude. Então um deles foi o **movimento Contestação** que é um movimento que tava ligado a um trabalho da UFRGS, é da Universidade e eles trabalhavam nas escolas com a questão das quotas, ingresso na universidade, a universidade pública tá dentro, foi a partir desse trabalho que eles vieram parar aqui, né? E... chamei grêmios estudantis, chamei o Contestação e o Levante Popular da Juventude que fizeram ..., que fizeram oficinas também ao longo do trabalho,... aquele outro do intercâmbio... e, aí a proposta é que eles continuem, que continuem vindo, o movimento de juventude trabalhe com eles, prá que não fique só nós professores trabalhando isso.

MH: **Te agradeço,....., foi bastante tempo. A gente fez uma entrevista prévia também.**

Professora: Fico bem feliz que tu estejas fazendo este trabalho porque é muito importante. Às vezes a gente não tem muito tempo, nem de registrar. São muitas atividades. Agora mesmo eu queria registrar essas etapas, fazendo a comunicação. Então é importante.

MH: Essa experiência que eu tive de estágio também foi muito importante. Muito obrigada!